



# UMA CONJUNTURA INTERNACIONAL: Continuidades e Rupturas em um Mundo de Incertezas

Grupo de Análise de Conjuntura da CNBB – Padre Thierry Linard<sup>1</sup>

10 de março de 2025<sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas, marcadas pela existência de um pluralismo de cosmovisões e a ausência de explicações absolutas<sup>3</sup>, dependem decisivamente da experiência da globalização e da articulação dos sistemas culturais, políticos, sociais e econômicos em um campo internacional único, desigual e excludente, contextualizados em cada lugar e a cada tempo. É nesse campo que os pontos de vista sobre esta realidade complexa são construídos, ao

<sup>1</sup> Este texto é um produto da equipe de Análise de Conjuntura da CNBB. É um serviço para a CNBB. Não representa, contudo, a opinião da Conferência. A equipe é formada por membros da Conferência, assessores, professores das universidades católicas e por peritos convidados. Participaram da elaboração deste texto: Dom Francisco Lima Soares – Bispo de Carolina (MA), Frei Jorge Luiz Soares da Silva – assessor de relações institucionais e governamentais da CNBB, Pe. Thierry Linard de Guertechin, S.J. (*in memoriam*), Antonio Carlos A. Lobão – PUC/Campinas, Francisco Botelho – CBJP, Izete Pengo Bagolin – PUC/Rio Grande do Sul, Maria Cecília Pilla – PUC/Paraná, Jackson Teixeira Bittencourt – PUC/Paraná, José Reinaldo F. Martins Filho – PUC/Goiás, Ricardo Ismael – PUC/Rio, Manoel S. Moraes de Almeida – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Marcel Guedes Leite – PUC/São Paulo, Robson Sávio Reis Souza – PUC/Minas, Tânia Bacelar – UFPE, José Geraldo de Sousa Júnior – UnB e Melillo Dinis do Nascimento – Inteligência Política (IP).

<sup>2</sup> Festa canônica de São Simplicio, Papa entre 468 e 483, que comandou a “Barca de Pedro” numa época muito difícil historicamente: tempo da queda do poderoso Império Romano do Ocidente, de invasões e ataques à Roma, de conflitos internos, das disputas com as chamadas “heresias”, como o nestorianismo e o monofisitismo, além dos desafios da *ferula pontificalis*.

<sup>3</sup> Ver OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Ética, Direito e Democracia. São Paulo: Paulus, 2010, p. 9-20. Para ele, na esteira de Habermas, a questão mais grave do tempo atual das sociedades é a “perda de legitimação de uma fundamentação ontológica, radicada numa concepção objetiva da razão, das normas morais e sua consequência maior é a falta de um consenso substantivo sobre valores, isto é, sobre a melhor forma de vida, em nível da sociedade comum todo”. Daí que, eliminada a razão objetiva “dependemos de uma fundamentação pós-metafísica da moral”, cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. O Debate acerca da fundamentação de uma teoria da justiça: Rawls e Habermas. In FELIPE, S.T. (Org.). Justiça como equidade. Fundamentação e interlocuções polêmicas (Kant, Rawls, Habermas). Florianópolis: Insular, 1998, p. 89.





mesmo tempo em que se tenta evitar os pontos cegos. Nesse caminho, quando se debate a conjuntura internacional sempre se faz “uma” análise, não “a” análise!

O esforço, contudo, exige um cuidado com as muitas realidades, que demandam uma introdução para além das informações. Neste texto, partiu-se do método que optamos por utilizar em outros trabalhos, com o duplo estrutura-conjuntura sempre no horizonte.

Depois, olhamos o mundo a partir do nosso lugar na América Latina e no planeta que compartilhamos<sup>4</sup>. É uma compreensão das sociedades e dos Estados Latino-americanos<sup>5</sup>, que sofre grande influência de uma “modernidade inserida” no imaginário regional. Assim, traduzir o caráter agônico da pós-modernidade dos países mais desenvolvidos diretamente na realidade latino-americana não é processo simples, pois permeado pelo conjunto de relações e realidades que surgiram dos choques e das mesclas que as entremearam, muitas de caráter violento e sob condições de subordinação permanente a um imaginário colonial e a um tipo de dominação. Estamos, portanto, em um continente que convive com realidades que são pré-modernas, modernas e pós-modernas, simultâneas e

<sup>4</sup> Esse talvez seja o principal corte epistemológico da tradicional ideia de Modernidade para uma nova concepção, nessa já incluída a América: (a) no primeiro caso, o início da nova cosmovisão é o processo revolucionário (o ciclo de revoluções que marcaram a história e a modernidade: americana, francesa e industrial) que altera drasticamente os meios de produção, as formas de interação da sociedade e do trabalho, bem como cria um novo conceito de indivíduo (o ego cogito cartesiano); já, no segundo (b), será a ocupação do continente que criará os valores já existentes na Europa, no entanto, com a implicação da totalização colonialista dos valores eurocentristas, genocídio, exploração – tanto dos ameríndios, como de escravos negros, os quais sustentaram as relações de produção capitalista bem como as mulheres – e dominação, quintessência do ego *conquiro*. Ver: DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.) A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. São Paulo: CLACSO, 2005, p. 28.

<sup>5</sup> A compreensão das sociedades e dos Estados Latino-americanos decorre da ideia de “uma” América Latina. Ver: ARDAO, Arturo. Génesis de la idea y el nombre de América Latina. Caracas: Centro de Estudios Latino-americanos Romilo Gallegos, 1980. É fato que esta expressão “América Latina” é tardia, fruto do exercício intelectual dos fins do Século XIX, início do Século XX, cujo significado vai tomar um rumo mais consistente a partir da CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, que a institucionalizou no discurso das ciências sociais, cf. IANNI, Octavio. Imperialismo na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.





imbricadas<sup>6</sup>. De toda forma, o mundo se “mundializou”<sup>7</sup>. Dependemos cada vez mais uns dos outros e “tudo está conectado”<sup>8</sup>.

Dito isto, na construção da cosmovisão a partir de uma parcela desta nossa América Latina, há uma certa percepção de que estamos em uma mudança de época.<sup>9</sup> É o contrário de uma época de mudanças. Assim, em apertada síntese, estamos vivendo e assistindo um momento de dissolução da concepção integral do ser humano, de sua relação com o mundo e com o sagrado<sup>10</sup>. São tempos de um individualismo que enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos, nesta etapa, estão na base da profunda vivência do tempo, ao que se concebe fixado no próprio presente, trazendo incertezas, inconsistências e instabilidades.

A análise de conjuntura que oferecemos, com seus limites e horizontes, parte dessas incertezas para dialogar com os leitores e com todos os seus riscos. Atravessamos, como já dito em 2024 em uma de nossas análises, uma “policrise”<sup>11</sup>, com aquecimento global, pobreza e desigualdades globais sem fim que estão ligadas entre si e à crise econômica insolúvel e crescente deste século XXI.

<sup>6</sup> Há um recorte epistemológico, se não existencial, proposto por Boaventura de Sousa Santos, que recomenda um processo de descolonização, mesmo que desigual e assimétrico, tanto no que se refere a áreas do saber como a regiões do mundo. Cf. SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 31 e ss.

<sup>7</sup> Ver BECK, Ulrich, Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation. Duthoo; Paris: Aubier, 2003.

<sup>8</sup> FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

<sup>9</sup> Conforme o Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília, São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2007, números 33 a 100. Aqui Dap.

<sup>10</sup> A mudança de época se configura pelo fato de que as mudanças acontecidas influenciam na perda da “concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus” (Dap n. 44).

<sup>11</sup> Edgar Morin define a “policrise” como uma situação em que “crises interligadas e sobrepostas” assumem a forma de um “complexo interdependente de problemas, antagonismos, crises e processos incontrolláveis” que formam “a crise geral do planeta”. Esta visão é muito diferente daquilo que se conhece em economia como “crise sistêmica”, ou seja, uma crise que desestabiliza todo um sistema, mas cujo ponto de partida é um choque único e identificável. Neste último caso, a espiral da crise pode ser interrompida se o contágio puder ser contido. Esta é a lógica que rege a gestão de crises desde 2008, à qual falta sucesso. Por outro lado, numa crise múltipla, este tipo de contenção não é possível, porque a crise faz parte de uma cadeia de acontecimentos tão complexa que é impossível pará-la. Ainda mais, porque as soluções propostas dão origem a novos problemas que espalham para outras áreas por meio de contágio. O mundo sujeito à policrise não é estático, está vivo: a sua crise modifica o ambiente, e o ambiente modifica os termos da crise. Ver MORIN, Edgar. Terre-patrie. Paris: Seuil, 1993.





O Papa Francisco, em 03 de março, ressaltou esta conjuntura, ao dirigir uma mensagem aos participantes da Assembleia Geral da Pontifícia Academia para a Vida, que tem como tema: "Fim do mundo? Crises, responsabilidades e esperanças". No texto, o Pontífice destacou a necessidade de uma profunda reflexão sobre a atual "policrise", que envolve desafios como guerras, mudanças climáticas, crises energéticas, pandemias, fluxos migratórios e inovações tecnológicas, e ressaltou que essa convergência de crises demanda uma revisão das concepções humanas sobre o mundo e uma escuta atenta do conhecimento científico<sup>12</sup>.

Destacamos a disputa do poder global como primeiro tópico de um debate que envolve o momento que atravessamos, com forte ênfase no papel dos Estados Unidos da América (EUA), país central nas relações internacionais. Assim, oferecemos uma breve análise de como se chegou até o atual quadro internacional, com muita força de um setor da política e da economia, da cultura e das relações mundiais, em que a incerteza se faz constante. As análises apresentam o conjunto das primeiras decisões de Donald Trump, além de estabelecer algumas avaliações de atores e cenários submetidos a este maior foco de tensão.

Num momento adiante, vamos estabelecer alguns pontos da "nova" ordem internacional e de nossos "velhos" problemas. É a mistura de continuidades e rupturas que vão se relacionando em um momento histórico que mulheres e homens fazem a história, mas mulheres e homens ainda não sabem bem a história que fazem.

Diante do quadro, vamos cuidar de avaliar alguns aspectos da relação do Brasil com a conjuntura internacional. O Brasil vem tentando agir, frente às relações internacionais, com diversas ações mundiais e regionais, como a rearticulação de fóruns regionais e disputadíssimas agendas bilaterais e multilaterais<sup>13</sup>. O país, com sua condição de potência média<sup>14</sup> retomou as articulações para uma maior

<sup>12</sup> VATICAN NEWS. 03 MAR. 2025. Papa: a "policrise" mundial exige escuta, responsabilidade e esperança. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-03/papa-francisco-mensagem-pontificia-academia-para-a-vida-03-03-25.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>13</sup> Por exemplo: <https://www.worldfinance.com/special-reports/brazil-is-back>. Acesso em 04 mar. 2025.

<sup>14</sup> Potência média entendida aqui como "um Estado cujos líderes consideram que eles não podem agir sozinhos de forma efetiva, mas que talvez consigam provocar um impacto sistêmico por meio de um pequeno grupo ou instituição internacional", cf. KEOHANE, Robert. O. Lilliputians' Dilemmas: Small States in International Politics. International Organization, 1969, vol. 23, issue 2, 291-310.





presença internacional brasileira, e tem ocupado um espaço maior a partir de suas potencialidades.

É nesse contexto que apresentamos as ideias motrizes da maior referência dentre as lideranças mundiais: o Papa Francisco! A sua prática pastoral e a sua liderança política e social representam um patrimônio a serviço de todos e do bem comum. É a partir desses valores que suscitamos os possíveis sinais de esperança diante dos tempos incertos que estamos a atravessar.

Parte de uma cultura em crise é a indefinição de como descrevê-la. Há um cheiro crescente de riscos. O risco é um conceito muito “moderno”. Pressupõe decisões que tentam fazer das consequências imprevisíveis das decisões civilizacionais decisões previsíveis e controláveis. O risco repousa no fato de que nossas decisões civilizacionais envolvem consequências e perigos globais, e isso contradiz radicalmente a linguagem institucionalizada do controle – e mesmo a promessa de controle – que é irradiada ao público global na eventualidade de catástrofes<sup>15</sup>.

É nesse momento que há lugar para a esperança. Ao contrário de temermos a cultura da incerteza, é justamente dela que precisamos, pois ela se dá na prontidão para uma conversa aberta que aborde o risco; a disposição de negociar entre diferentes racionalidades maior que para engajar-se em denunciamento mútuo; a voluntariedade de discutir a partir de bases racionais; e, por fim, mas não menos importante, um reconhecimento da importância central de demonstrar a vontade coletiva de agir de forma responsável, pois o ponto chave de uma comunidade democrática é que assumimos a responsabilidade juntos pelo bem comum.

## **2 A DISPUTA PELO PODER GLOBAL<sup>16</sup>**

### **2.1 Economia e sociedade estadunidense: do New Deal ao Projeto 2025 de Donald Trump**

A história econômica e social dos EUA em grande parte do século XX foi marcada pelo objetivo de se garantir o Estado do bem-estar social e com isso estabelecer um “modo de vida americano” que fosse referência para os demais

<sup>15</sup> Ver BECK U.; GRANDE E., *Das kosmopolitische Europa*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2004.

<sup>16</sup> Expressão inspirada nas reflexões de José Luís Fiori. Ver FIORI, José Luís. *A síndrome de Babel e a disputa do poder global*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020; \_\_\_\_\_. *Uma teoria do poder global*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.





países do mundo em contraposição às propostas do socialismo da então URSS. Para tanto, os EUA desenvolveram grandes políticas como o New Deal<sup>17</sup> e a Grande Sociedade<sup>18</sup>. Essas reformas enfrentaram reações conservadoras que buscaram um maior alinhamento dos governos com os interesses dos negócios privados. Essa reação é o fio condutor do “Projeto 2025” da Heritage Foundation<sup>19</sup> para uma segunda administração Trump.

Em 1933, no auge da Grande Depressão, o presidente Franklin D. Roosevelt implementou o New Deal, uma série de programas e reformas para combater a crise econômica. As conquistas do New Deal incluíram programas de assistência, subsídios para fazendeiros, reformas financeiras, o sistema de Previdência Social, salário-mínimo e proteção dos direitos dos trabalhadores. Uma geração depois, nos anos 1960, o presidente Lyndon B. Johnson lançou os programas da Grande Sociedade, que declararam guerra à pobreza e introduziram iniciativas federais em direitos urbanos, educacionais e civis. Isso incluiu Medicaid, Medicare, expansão da ajuda federal para educação e legislação sobre direitos civis.

Desde a década de 1930, agendas políticas conservadoras reagiram contra o New Deal e a Grande Sociedade. Após a 2ª Guerra Mundial, os republicanos do Congresso combateram o New Deal, e em 1971, a Câmara de Comércio dos EUA comissionou Lewis Powell para avaliar o cenário político. Powell criticou as políticas sociais e defendeu os interesses empresariais. Nos anos 1980, o governo Reagan uniu conservadores para desmantelar o que restava do New Deal e da Grande Sociedade. Nesse sentido, impostos foram cortados, programas sociais destruídos e regulamentações reduzidas. Iniciava-se o que ficou conhecido como neoliberalismo que marcou o mundo por décadas.

Seguindo a corrente de políticas conservadoras, o “Projeto 2025” é uma coleção de propostas de políticas, muitas escritas por veteranos da primeira administração de Trump. O projeto visa mudanças drásticas antes das eleições de meio de mandato em 2026, com um plano ambicioso para os primeiros 100 dias da nova administração. Anuncia o desmantelamento de políticas de proteção social,

<sup>17</sup> Uma série de políticas implantadas durante os mandatos do presidente dos Estados Unidos Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Ver STEWART, Richard B. Evaluating the New Deal. Harvard Journal of Law & Public Policy, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 239-246, 1998.

<sup>18</sup> Uma série de programas domésticos adotados pelo presidente dos Estados Unidos Lyndon B. Johnson em 1964–1965. Ver MILKIS, Sidney M.; MILEUR, Jerome M. The Great Society and the High Tide of Liberalism. Boston: University of Massachusetts Press, 2005.

<sup>19</sup> Elaborado pelo think tank Heritage Foundation, o “Projeto 2025” é um guia de 900 páginas com diretrizes e ações. Fonte: [https://static.project2025.org/2025\\_MandateForLeadership\\_FULL.pdf](https://static.project2025.org/2025_MandateForLeadership_FULL.pdf)





diminuição drástica do Estado, proteção e incentivo a economia nacional<sup>20</sup>. O "Projeto 2025" é uma tentativa de parte da elite econômica americana de fazer frente à nova realidade da economia mundial em que a China se destaca e ganha importância na geopolítica global. Nas últimas décadas, a China tem alcançado indicadores que a coloca no centro das disputas globais:

- a) Em termos cumulativos, desde 2008, o PIB chinês quase triplicou de tamanho em termos reais, ao passo que o PIB dos EUA cresceu 35% e o da área do Euro variou 14%. Em 2008, a economia chinesa correspondia a 38,2% da estadunidense em valores constantes a preços de mercado; em 2023, o PIB dos EUA é apenas 28,4% maior que o da China.
- b) Em paridade poder de compra (PPC), que é a medida mais adequada para comparações internacionais, a economia chinesa já é maior que a estadunidense há uma década. O Banco Mundial estima que o PIB da China, em 2023, seria de US\$ 35 trilhões (19% do total global) contra os US\$ 28 trilhões dos EUA (15% do conjunto do planeta).
- c) Os indicadores em PPC convergem para outras grandezas estritamente físicas, onde se destaca a superioridade chinesa em termos absolutos ou de velocidade em convergir com o líder global. Em 2008, os EUA produziam 4,1 mil TWh ou 20,4% da produção mundial de energia elétrica; a China produzia 3,5 mil TWh ou 17,4% do total global. Em 2023, a produção estadunidense atingiu o pico histórica de 4,5 mil TWh, porém os chineses lograram gerar mais do que o dobro disso: 9,5 mil TWh. Em termos de participação na oferta mundial, passou-se a 32% (China) versus 14% (EUA).
- d) Em 2022, os portos chineses movimentaram 269 milhões de contêineres, quatro vezes mais do que o segundo colocado no mundo, EUA (62 milhões); em 2008, tal relação era de 2:1. No transporte aéreo de cargas, tal relação se inverte, com os EUA na frente em uma proporção de 2:1, em 2021.
- e) Em 2021, os chineses depositaram seis vezes mais patentes tecnológicas que os estadunidenses. Em 2008, residentes dos EUA aplicaram 20% mais patentes que seus congêneres na China.
- f) Atualmente, a expectativa de vida ao nascer na China (78,6 anos, em 2022) é superior à média estadunidense (77,4 anos). Em 1980, os estadunidenses viviam, em média, 9,2 anos a mais que os chineses. Hoje, dá-se o contrário. A taxa de mortalidade de homens na China é de 104 por 1.000 habitantes (2022) contra os 180/1.000 nos EUA (2021). Com isso, o indicador chinês é 40% menor que o dos EUA; ao passo que, em 1980, a mortalidade chinesa era 20% superior à média estadunidense. Em termos cumulativos, desde 2001, houve 26% de queda na mortalidade de homens na China, ao passo que o parâmetro estadunidense aumentou em 25%.<sup>21</sup>

## 2.2 A ascensão econômica, política e tecnológica da China

<sup>20</sup> Trump's Project 2025 agenda caps decades-long resistance to 20th century progressive reform. Disponível em: <https://theconversation.com/trumps-project-2025-agenda-caps-decades-long-resistance-to-20th-century-progressive-reform-247176> Acesso em 09/03/2025.

<sup>21</sup> O mundo de Trump. Disponível: <https://www.ufrgs.br/fce/o-mundo-de-trump/> Acesso em 09/03/2025.





A ascensão da China nas últimas décadas é um fenômeno multifacetado que abrange esferas econômicas, políticas e tecnológicas. Impulsionada por reformas econômicas iniciadas no final da década de 1970, o país transformou-se de uma nação agrária empobrecida na segunda maior economia do mundo.

Em 2024, o PIB da China atingiu um recorde de 134,91 trilhões de yuans (US\$ 18,81 trilhões), marcando um aumento anual de 5%. Esse desempenho econômico robusto continua a atrair investidores globais. Além disso, os incentivos políticos contínuos da China também aumentaram a confiança das empresas estrangeiras<sup>22</sup>.

As reformas de Deng Xiaoping introduziram uma economia de mercado socialista, atraindo investimento estrangeiro e estimulando o empreendedorismo.

Não é à toa que a China se tornou a “fábrica do mundo”, produzindo bens de consumo para mercados globais. Em números, 90% dos computadores, 75% dos celulares e 80% dos painéis solares do mundo são produzidos por lá<sup>23</sup>.

A crescente força econômica da China traduziu-se em maior influência política em organizações internacionais e nas relações bilaterais. Tendo como carro chefe o Cinturão e Rota da Seda, este ambicioso projeto de infraestrutura visa expandir a conectividade e a influência da China na Ásia, África e Europa.

Uma das características do crescimento Chinês é sua descentralização no país, como nos seguintes exemplos:

Guangdong, uma importante província manufatureira, lançou um plano de ação para 2025 para construir um sistema industrial moderno com um investimento anual de 1 trilhão de yuans, incluindo 380 projetos industriais na fabricação de equipamentos de ponta, novos materiais, petroquímicos, aço e outros setores. Shanghai realizou sua conferência anual sobre o ambiente de negócios da cidade pelo oitavo ano consecutivo e também divulgou um plano de ação, introduzindo 58 medidas, incluindo medidas para otimizar os serviços gerais para empresas e melhorar a supervisão e inspeções relacionadas aos negócios. Em Zhejiang, o governo provincial está trabalhando para promover a integração mais profunda da inovação tecnológica e industrial e estabelecer uma estrutura colaborativa que reúna universidades, plataformas, empresas e cadeias industriais. Da mesma forma, a Província de Hubei, no centro da China, e a Província insular de

<sup>22</sup> Números da economia chinesa disponível em: <https://portuguese.news.cn/20250227/92254441bbeb4d05a46f9d0cf31cac89/c.html>. Acesso em 09/03/2025.

<sup>23</sup> China: ecossistema de inovação e potência tecnológica. Dados disponíveis em: <https://distrito.me/blog/china-tendencias-potencia-tecnologica/> Acesso em 09/03/2025.





Hainan, no sul, estão se concentrando na inovação tecnológica como sua principal direção de desenvolvimento<sup>24</sup>.

Outro ponto importante é que a China investe pesadamente em pesquisa e desenvolvimento, buscando a liderança em tecnologias como inteligência artificial, 5G e energia renovável.

Nos últimos anos, foram criados três importantes programas que impulsionaram esse desenvolvimento na inovação, são eles: Technologically Advanced Service Companies (TASC): o objetivo é prospectar investimentos em desenvolvimento e pesquisas com foco em setores considerados estratégicos visando o crescimento econômico do país. High-New Technology Enterprise (HNTE): o foco aqui é estimular o desenvolvimento de áreas como informação eletrônica, biológica e médica; aviação e espaço; novos materiais; serviços de alta tecnologia; novas fontes de energia e conservação; recursos e meio ambiente e Manufatura avançada e automação); Super Dedução: investe no desenvolvimento de inovações tecnológicas em pequenas, médias e grandes empresas de tecnologia. O foco aqui é na criação de novos produtos ou processos de fabricação para, assim, gerar ganhos de qualidade e produtividade<sup>25</sup>.

Empresas chinesas como Huawei, Alibaba e Tencent tornaram-se líderes globais em seus respectivos setores. O país está a emergir como um centro de inovação, com um ecossistema vibrante de startups e empresas de tecnologia.

A ascensão da China tem implicações profundas para a economia global, a política internacional e o futuro da tecnologia. Embora a China ofereça oportunidades econômicas e de investimento, também levanta preocupações sobre concorrência, direitos humanos e segurança.

É nesse contexto, de disputa pelo poder global, que se insere o início do mandato de Donald Trump.

### 3 AS PRIMEIRAS INICIATIVAS DO GOVERNO TRUMP

#### 3.1 A guerra comercial

<sup>24</sup> Observatório Econômico: Economia da China inicia novo ano com novas tendências. Disponível em: <https://portuguese.news.cn/20250217/c86eb3fafb6341249be4c5842a0e3721/c.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>25</sup> Observatório Econômico: Economia da China inicia novo ano com novas tendências. Disponível em: <https://portuguese.news.cn/20250217/c86eb3fafb6341249be4c5842a0e3721/c.html> Acesso em 09/03/2025.





Nos primeiros dias do segundo mandato de Donald Trump, ele implementou uma série de medidas polêmicas que geraram reações significativas tanto internamente aos Estados Unidos quanto no cenário internacional. Entre as ações mais notáveis estão: intensificação da política antimigratória, declarando “emergência nacional” na fronteira com o México e enviando tropas para a região. Ele também ordenou a prisão de imigrantes em situação irregular, resultando na detenção de milhares de pessoas; revogou a participação americana no Acordo de Paris sobre mudanças climáticas e cancelou a norma do veículo elétrico, permitindo a compra de carros a combustão; retirou os EUA da Organização Mundial da Saúde (OMS); impôs tarifas agressivas sobre produtos como aço e alumínio importados, afetando diretamente países como o Brasil, que é um dos maiores fornecedores de aço para os EUA.

As medidas protecionistas, especialmente as tarifas sobre importações, marcaram o início de uma guerra comercial com várias nações, incluindo a China. A guerra comercial é caracterizada pela imposição de tarifas e barreiras comerciais entre países, resultando em um conflito econômico que poderá ter fortes impactos na economia global.

A guerra comercial entre os EUA e a China começou em 2018 no primeiro governo Trump, quando foram anunciadas medidas protecionistas que atingiram diversos setores de diferentes países. A China retaliou com suas próprias tarifas, levando a uma escalada de tensões comerciais que afetaram o comércio global.

Em relação aos produtos Chineses, nesse segundo mandato, Trump anunciou tarifas adicionais de 10% sobre todas as importações, que entraram em vigor em fevereiro de 2025. A China respondeu com tarifas de 15% sobre carvão e gás natural liquefeito, e 10% sobre petróleo bruto, máquinas agrícolas e carros de grande cilindrada importados dos EUA<sup>26</sup>.

Além da China, o governo americano ameaça impor tarifas de 25% sobre importações de diferentes produtos e países, o que tem gerado tensões diplomáticas e econômicas<sup>27</sup>.

As reações desses países tem sido a indicação de que adotarão medidas de reciprocidade em termos tarifários. Essas ações e reações refletem a

<sup>26</sup> Entenda a guerra comercial e seus possíveis impactos. Ver: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/06/entenda-a-guerra-comercial-e-seus-possiveis-impactos.ghtml> Acesso em 09/03/2025.

<sup>27</sup> Guerra comercial: China chama tarifas dos EUA de 'chantagem' e ameaça retaliação. Ver: <https://exame.com/mundo/guerra-comercial-china-chama-tarifas-dos-eua-de-chantagem-e-ameaca-retaliacao/> Acesso em 09/03/2025.





complexidade da situação entre os Estados Unidos e a comunidade internacional, marcada por tensões políticas e econômicas que continuam a evoluir.

### 3.2 Tão perto dos EUA: o México e o Canadá

Durante o primeiro governo Trump (2017-21), as relações entre os Estados Unidos e o México foram marcadas por uma série de confrontações. A administração Trump implementou políticas migratórias rígidas, com destaque para a construção de um extenso muro na fronteira entre os dois países, além da aplicação rigorosa das leis de imigração. A retórica agressiva utilizada pelo presidente estadunidense, com constantes críticas à suposta ineficiência mexicana no combate ao narcotráfico e à imigração ilegal, manteve elevadas as tensões entre os dois países, durante todo o período.

Essa pressão política sobre o México, resultou na renegociação do NAFTA e na criação do USMCA (Acordo Estados Unidos-México-Canadá), que, embora tivesse o objetivo explícito de atualizar os termos do comércio bilateral, reforçou a percepção de que os EUA utilizavam seu poder econômico para impor condições ao país vizinho. Durante esse período, o governo mexicano, sob a liderança de Andrés Manuel López Obrador, buscou uma postura de contenção, evitando confrontos diretos e procurando manter abertos os canais de negociação que pudessem preservar seus interesses nacionais.

As tensões entre os dois países diminuíram durante o governo Biden, que, embora não tenha revogado as tarifas comerciais impostas pelo governo anterior, priorizou uma postura mais diplomática e cooperativa, com base em políticas migratórias mais humanitárias e menos punitivas. O fim das medidas amparadas pelo Título 42, que tinha como fundamento a contenção da epidemia de Covid-19, mas que continuaram sendo utilizadas pela administração Trump para expulsar rapidamente imigrantes, sob pretexto de proteger a saúde pública, sinalizou um esforço no sentido de restabelecer uma política migratória mais humanizada, que considerasse os direitos dos solicitantes de vistos. Além disso, o governo Biden procurou enfatizar a cooperação em áreas de interesses comuns, notadamente no combate ao narcotráfico e na gestão conjunta dos fluxos migratórios.

Neste início do segundo governo Trump, no entanto, houve uma acentuada escalada nas tensões. A retórica agressiva e a ameaça de medidas unilaterais como, por exemplo, a imposição de tarifas de 25% sobre os produtos importados do México, como represália pela suposta negligência do país vizinho





no combate ao narcotráfico e à imigração ilegal, parecem revelar os novos rumos das relações entre os dois países. A ênfase, que no primeiro mandato recaía sobre a construção do muro e sobre a renegociação dos termos de troca, parece se deslocar para a imposição de tarifas como ferramenta de pressão direta, o que pode agravar o desequilíbrio na relação comercial e política entre os dois países.

As declarações de Trump, sugerindo mudanças drásticas em políticas internas mexicanas, de forma a alinhá-las com os interesses estadunidenses, têm sido interpretadas pelo governo mexicano, agora sob o comando de Claudia Sheinbaun, como uma tentativa de usar a dependência econômica do México para impor novas condições políticas e de segurança. Em contrapartida, o governo mexicano, além de fortalecer a segurança em suas fronteiras, tem procurado enfatizar a importância da diversificação de suas parcerias comerciais e de procurar reduzir a dependência do mercado dos EUA, em um cenário de políticas cada vez mais protecionistas. Certamente a situação de tensão entre os dois países deve perdurar durante todo o governo Trump, com picos de estremecimento em função da retórica beligerante do presidente estadunidense.

Situação semelhante acontece com o vizinho do norte, o Canadá. No primeiro governo Trump, tensões pontuais eram frequentes, decorrentes dessa retórica agressiva e, também, da utilização de medidas protecionistas. Mas, em sua essência, a política de cooperação foi mantida.

Em 2018 o governo Trump impôs tarifas sobre o aço e o alumínio importados, sob alegação de que comprometiam a segurança do sistema de defesa dos EUA, medida que prejudicou fortemente os interesses canadenses. Já sob o comando de Justin Trudeau, o governo do Canadá adotou medidas retaliatórias, aplicando tarifas sobre produtos estadunidenses e concedendo incentivos fiscais aos setores afetados. Apesar do clima tenso, a interdependência econômica e a política de segurança compartilhada nas fronteiras foram mantidas.

Mas, da mesma forma do que aconteceu com o México, neste início de governo Trump, as tensões entre os dois países também aumentaram significativamente. Com uma postura ainda mais protecionista, a administração Trump anunciou tarifas de 25% sobre uma imensa gama de produtos importados do Canadá, medida que deve vigorar a partir de abril de 2025<sup>28</sup>, como justificativa para uma suposta inércia canadense em ajustar políticas que, segundo

---

<sup>28</sup> Trump diz que tarifas sobre México e Canadá estão definidas para 2 de abril. Ver: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-diz-que-tarifas-sobre-mexico-e-canada-estao-definidas-para-2-de-abril/> Acesso em 09/03/2025.





Washington, não atendem seus interesses econômicos e de segurança. Além disso, declarações provocativas, como a de que o Canadá poderia se tornar o 51º estado dos EUA, aumentaram o clima de tensão e levaram o governo canadense a reafirmar que vai diversificar as parcerias comerciais e reduzir a sua dependência do mercado estadunidense. A persistência desse cenário pode levar, no curto prazo, a um ambiente de maior instabilidade, afetando os fluxos de investimentos e as cadeias de suprimentos essenciais para ambos os países.

Mas que interesses geopolíticos poderiam estar motivando esse aumento de pressão por parte dos Estados Unidos sobre dois de seus mais tradicionais aliados? A resposta a essa questão não é simples e decorre de uma combinação de objetivos econômicos, estratégicos e de sinalização de poder.

Ao exercer pressão econômica e utilizar uma retórica agressiva sobre seus vizinhos e tradicionais aliados, os EUA procuram reafirmar sua posição de liderança na região, enviando uma mensagem clara de que está disposto a usar instrumentos de poder (como tarifas e medidas unilaterais) para manter seus interesses e obter concessões em políticas migratórias, bem como para influenciar a agenda política e econômica dos países vizinhos, reforçando sua hegemonia regional.

Medidas protecionistas e a imposição de tarifas são também instrumentos de pressão e barganha, incentivando os países a renegociarem acordos sob termos mais favoráveis aos interesses estadunidenses, como parte do esforço para reequilibrar a balança comercial e para a defesa dos interesses de setores econômicos estratégicos.

Além disso, por trás dessas medidas, também há uma clara sinalização para o cenário global. Em um contexto de crescente competição com outras potências, como a China e a Rússia, adotar uma postura firme com aliados tradicionais pode ser interpretado como uma demonstração de que os EUA estão dispostos a agir de forma assertiva, independentemente do histórico de cooperação. Essa sinalização pode funcionar como um mecanismo de dissuasão e como forma de fortalecer a posição dos EUA no cenário internacional, lembrando a todos que, apesar dos laços históricos, os interesses nacionais sempre vão prevalecer.

Finalmente, por mais paradoxal que possa parecer, a pressão sobre parceiros tradicionais, incentivando-os a buscar novas parcerias comerciais, pode resultar, no longo prazo, em uma maior integração da economia dos EUA com cadeias produtivas globais alternativas, fortalecendo sua influência sobre setores estratégicos da economia mundial.





### 3.3 A questão militar e a Ucrânia

A análise das perspectivas para a guerra na Ucrânia com a nova administração Trump pressupõe o exame dos vínculos entre discurso político, interesses econômicos e reposicionamento dos EUA na geopolítica global. Enquanto o governo Biden adotou uma estratégia de apoio vigoroso à Ucrânia, ancorada em suas estreitas relações como o complexo industrial-militar, a retórica de Trump, marcada por um aparente “pacifismo” com relação ao conflito, revela as nuances de uma nova estratégia, voltada, ao mesmo tempo, para setores específicos do ambiente interno e para a implantação de uma nova dinâmica nas negociações internacionais.

As relações simbióticas entre Governo e as empresas que constituem o complexo militar industrial nos EUA não são recentes. Mas ganham nova dimensão quando envolvem as cifras bilionárias que acompanham o fornecimento de armas, equipamentos e de tecnologia militar à Ucrânia. Historicamente, essas empresas tendem a adotar uma estratégia de financiamento que privilegia o acesso e a influência sobre as decisões de política de defesa, financiando tanto candidatos democratas quanto republicanos e, com isto, garantindo seu poder de barganha e que seus interesses estejam representados em futuras decisões legislativas e orçamentárias. Mas essa estratégia pode variar conforme o perfil de cada ciclo eleitoral e o posicionamento de cada candidato em relação à política de defesa.

Os pronunciamentos de Donald Trump sobre a guerra na Ucrânia, tanto durante a campanha eleitoral quanto nos primeiros meses de seu mandato, foram marcados por uma constante crítica à política externa do governo anterior. Em diversas ocasiões, Trump argumentou que a intervenção contínua no conflito da Ucrânia não traria benefícios para os interesses americanos e que o país deveria focar em seus problemas internos. Essa linha de argumentação é coerente com a sua postura de “América em primeiro lugar”, que defende a priorização dos recursos e da atenção do governo para questões domésticas em detrimento de intervenções em crises estrangeiras<sup>29</sup>.

Entre os pontos reiterados por Trump, destacam-se a crítica ao que ele chamou de “guerra lucrativa” – na qual os interesses do complexo industrial militar seriam sobrepostos às necessidades de uma política externa responsável –, e a sugestão de que a diplomacia, por meio de negociações diretas, seria a via mais

<sup>29</sup> Governo Biden trabalha para aumentar entregas para Ucrânia; Trump critica ação. Ver: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/governo-biden-trabalha-para-aumentar-entregas-para-ucrania-trump-critica-acao/>. Acesso em 09/03/2025.





apropriada para resolver o conflito, apontando para a existência de contratos e interesses financeiros que, em sua visão, perpetuam o conflito, beneficiando empresas de armamentos e setores econômicos associados.

Embora a postura de Trump possa ser interpretada como uma espécie de “pacifismo” em relação à Ucrânia, é importante ressaltar que esse termo não implica uma postura completamente pacifista ou anti-armamentista, mas sim uma crítica à intervenção militar prolongada e à dependência de estratégias que alimentam o complexo industrial-militar às custas do orçamento fiscal. Ao adotar essa retórica, Trump procura articular uma alternativa baseada na sua costumeira pressão diplomática, buscando a redução dos custos associados a conflitos externos, ao mesmo tempo em que fortalece seu argumento contra o que considera uma política externa que não atende aos anseios de grande parte do seu próprio eleitorado<sup>30</sup>.

Esse posicionamento se articula com uma mudança na interpretação sobre a correlação de forças no cenário internacional e no papel a ser desempenhado pelos EUA. Para a administração Biden, a Rússia, com sua capacidade nuclear e sua tradição de influência na Europa Oriental, era o primeiro adversário a ser batido na disputa pela hegemonia global. Obviamente esta não foi uma escolha meramente ideológica, uma vez que a necessidade de contenção do poder bélico russo tem sido a justificativa histórica para a elevação dos investimentos em defesa.

Por outro lado, os interesses defendidos por Donald Trump assumem uma direção distinta. Em sua visão, a China – com seu imenso poder econômico, tecnológico e sua crescente influência global – representa a verdadeira prioridade estratégica<sup>31</sup>. Essa mudança de foco se intensifica ainda mais pelo fato de que a guerra na Ucrânia, ao colocar a Rússia em um cenário de confronto prolongado, acabou por estreitar ainda mais os laços entre Moscou e Pequim.

Nesse sentido, um acordo de paz poderia se traduzir em uma reorientação das prioridades do complexo industrial-militar e o direcionamento de investimentos para áreas estratégicas - como inteligência artificial, computação quântica, cibersegurança, 5G e energias renováveis – que têm aplicações tanto na defesa

<sup>30</sup> Maioria nos EUA apoia Ucrânia, mas vê Trump como neutro no conflito, diz pesquisa. Ver: <https://www.infomoney.com.br/mundo/maioria-nos-eua-apoia-ucrania-mas-ve-trump-como-neutro-no-conflito-diz-pesquisa/> Acesso em 09/03/2025.

<sup>31</sup> Trump ordena restrições a investimentos da China nos Estados Unidos. Ver em: <https://veja.abril.com.br/economia/trump-ordena-restricoes-a-investimentos-da-china-nos-estados-unidos> Acesso em 09/03/2025.





quanto na economia civil, e que poderiam reduzir a dependência das cadeias de suprimentos dominadas pela China, ao mesmo tempo em que modernizariam seus sistemas de defesa.

Essa mudança de postura certamente trás implicações profundas para as futuras relações entre os Estados Unidos e seus tradicionais aliados europeus. As críticas de Trump à ajuda militar estadunidense e à própria OTAN são frequentes. Para ele, os aliados não contribuem de forma equitativa para os custos de defesa, forçando os EUA a arcarem com a maior parte do ônus. Além disso, a expansão da OTAN para o leste – que incluiu a incorporação de países da antiga esfera soviética provocou a Rússia, aumentando o risco de conflito. Essa expansão da OTAN foi interpretada pelos russos como uma ameaça direta à sua segurança nacional. Essa sensação de cerco e desconfiança acabou contribuindo para eventos posteriores – como a intervenção na Geórgia em 2008, a anexação da Crimeia em 2014 e o conflito em Donbass – que intensificaram a tensão entre a Rússia e o Ocidente<sup>32</sup>. Em outras palavras, a OTAN, ao não cumprir suas obrigações financeiras e estratégicas, acaba por minar a segurança dos EUA e distorcer a ordem geopolítica global.

Essa mudança brusca de direção deixou os países europeus em uma encruzilhada histórica. Aliados de primeira hora da política de que era no campo de batalha que estava a única saída para a solução do problema, política defendida pela administração Biden, os governantes europeus precisam agora explicar aos seus eleitores que a solução é rápida e que passa pelos corredores da diplomacia. Para uma população que há três anos tem sofrido os impactos da guerra sobre os preços da energia e dos alimentos, que tem suportado os efeitos da inflação e de um crescimento econômico lento, além de sentir no dia a dia a deterioração das políticas públicas por conta das transferências de recursos orçamentários para ajudar militarmente a Ucrânia, não vai ser fácil continuar acreditando na boa fé de seus líderes. Isto sem falar da necessidade de explicar futuros aumentos nos gastos militares, caso se concretize a ameaça dos EUA de reduzir os gastos militares com OTAN<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> Opinião compartilhada com o emblemático Secretário de Estado Henry Kissinger: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/os-conselhos-de-kissinger-que-poderiam-ter-evitado-a-deflagracao-na-ucrania/>. Acesso em 09/03/2025.

<sup>33</sup> Análise: comentários incendiários de Trump sobre Otan causam arrepios na Europa. Ver em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-comentarios-incendiarios-de-trump-sobre-otan-causam-arrepios-na-europa/>. Acesso em 09/03/2025.





Mas, certamente, a Ucrânia foi a grande perdedora. Além de todos os problemas decorrentes de ser palco de uma guerra em seu território, com enorme perda de vidas humanas, com a destruição de suas cidades e da sua infraestrutura, o país encontra-se totalmente fragilizado em meio ao jogo das superpotências.

Acusado por Trump de ser responsável pela guerra<sup>34</sup> e publicamente constrangido em reunião na Casa Branca, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky passou de herói a vilão no palco da diplomacia internacional, impotente para negociar a manutenção de qualquer ajuda militar. Pelo contrário, Trump agora quer que a Ucrânia “pague” pela ajuda recebida, sugerindo que a compensação seja realizada pela entrega de reservas minerais estratégicas ucranianas aos EUA. Enquanto, por sua vez, a Rússia mantém suas “linhas vermelhas” e exige a neutralidade da Ucrânia, o abandono de suas pretensões de aproximação com a OTAN, além da manutenção dos territórios já ocupados no Dombass.

### 3.4 O que será do Oriente Médio?

Em contraste com sua retórica relativa à guerra na Ucrânia, em que atinge tons mais “pacifistas”, no que diz respeito ao Oriente Médio, o discurso de Donald Trump é ainda mais beligerante do que o de seu antecessor, chegando ao ponto de afirmar que os EUA deveriam assumir o controle da faixa de Gaza e de defender a realocação forçada de quase dois milhões de palestinos para territórios na Jordânia e no Egito<sup>35</sup>. Essa aparente contradição ilustra como a política externa de Trump pode se adaptar às dinâmicas específicas de cada região e aos objetivos políticos e estratégicos associados, podendo se moldar tanto à geopolítica quanto às considerações domésticas e alianças estratégicas.

No cenário interno dos EUA o apoio de Trump a Israel se consolida a partir de sua base eleitoral. Muitos cristãos evangélicos americanos, por exemplo, interpretam passagens bíblicas que preveem o retorno dos judeus à Terra Santa, o que fortalece o sentimento pró-Israel entre eles. Além disso, grupos de influência e

<sup>34</sup> Trump culpa Zelensky por ajudar a iniciar guerra entre Ucrânia e Rússia. Ver em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/10/17/trump-culpa-zelensky-por-ajudar-a-iniciar-guerra-entre-ucrania-e-russia.ghtml> Acesso em 09/03/2025.

<sup>35</sup> Proposta de Trump de tirar palestinos de Gaza viola lei internacional? Ver a respeito em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c20g864y0zro> Acesso em 04/03/2025.





organizações de lobby, como o AIPAC (American Israel Public Affairs Committee)<sup>36</sup>, têm um papel decisivo em articular e defender os interesses de Israel no Congresso e na política externa dos EUA. Essa mobilização, combinada com o apoio da comunidade judaica e de outros grupos, cria um ambiente em que o apoio a Israel se torna um componente quase unânime da política americana. Não podemos nos esquecer, ainda, da altamente rentável parceria militar e tecnológica entre os dois países, que ao longo das décadas alcançou cifras bilionárias.

Do ponto de vista regional, os EUA parecem retomar a estratégia desenhada a partir dos Acordos de Abraão<sup>37</sup>, assinados durante o primeiro mandato de Donald Trump, que focam na normalização das relações de Israel com determinados países árabes, como aconteceu com os Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Sudão e Marrocos, sem que a questão palestina seja condicionante para essa aproximação. Em outras palavras, enquanto historicamente a criação de um Estado palestino era vista como condição essencial para o estabelecimento de relações de paz no Oriente Médio, os Acordos de Abraão permitiram que alguns países árabes se aproximassem de Israel<sup>38</sup> sem exigir garantias quanto à soberania palestina. Isso poderá diminuir a pressão coletiva que, por décadas, sustentou a demanda por um Estado palestino viável.

Ainda sob o prisma regional, a política externa deverá seguir o roteiro preestabelecido na primeira administração Trump, no sentido do fortalecimento dos laços com a Arábia Saudita, tradicional aliado dos EUA na região, procurando afastá-la definitivamente dos BRICS. Por outro lado, medidas mais duras contra o Irã, como sanções econômicas mais severas, além do esforço para aumentar seu isolamento diplomático, deverão ser adotadas. Mas, apesar de recrudescimento das relações entre os dois países, Trump deve preferir estratégias de dissuasão e realinhamento com parceiros regionais, para evitar um confronto direto que possa desestabilizar a região e onerar a economia dos EUA.

---

<sup>36</sup> How does aipac shape Washington? We tracked Every dólar. Ver a respeito em <https://theintercept.com/2024/10/24/aipac-spending-congress-elections-israel/> Acesso em 04/03/2025.

<sup>37</sup> Trump diz que usará impulso do acordo de Gaza para expandir laços regionais de Israel. Ver a respeito em: <https://www.infomoney.com.br/mundo/trump-diz-que-usara-impulso-do-acordo-de-gaza-para-expandir-lacos-regionais-de-israel/> Acesso em 04/03/2025.

<sup>38</sup> Dois anos desde os Acordos de Abraão. Ver a respeito em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaao/2022/09/5036906-artigo-dois-anos-desde-os-acordos-de-abraao.html> Acesso em 04/03/2025





Finalmente, é provável que o Oriente Médio continue como fator importante na diplomacia das superpotências, uma vez que estabilidade na região é fundamental para a manutenção dos fluxos comerciais e investimentos<sup>39</sup>.

Tem sido crescente a presença econômica e diplomática da China na região<sup>40</sup>. Investimentos em infraestrutura e parcerias estratégicas no setor de petróleo e gás, a expansão da “Iniciativa Cinturão e Rota”, um megaprojeto de investimentos em portos, rodovias e ferrovias que conectem Ásia, África e Europa, passando pela região, além do vasto mercado consumidor que esses países representam, são fatores que reforçam os interesses chineses na região.

Por sua vez, apesar de o Oriente Médio não ser um grande produtor de energia para a Rússia, a região é estratégica para suas rotas de comércio e pela infraestrutura que podem facilitar a exportação de energia e bens russos para a Europa e outras regiões. Mas são as alianças tecnológico-militares que possui com o Irã, bem como a crescente incerteza com relação ao desenrolar dos acontecimentos na Síria<sup>41</sup>, onde possui duas bases militares que lhe garantem acesso ao Mediterrâneo, que direcionarão a atenção da Rússia para a região nos próximos meses.

É nesse contexto mais amplo que as perspectivas para a Faixa de Gaza precisam ser analisadas. Tanto a Rússia quanto a China veem a criação de um Estado Palestino como uma oportunidade para aumentar sua influência política e estratégica no Oriente Médio. Para a Rússia, isso significa fortalecer seu papel como mediador e contrabalançar a influência dos EUA. Para a China, trata-se de expandir sua influência econômica e política, reforçar sua imagem global e garantir a estabilidade necessária para seus investimentos. Ambos os países têm interesse em uma região mais estável e menos conflituosa, o que facilitaria a realização de seus objetivos estratégicos.

Embora Trump tenha apresentado como proposta de solução a transformação da região em uma “Riviera” do Oriente Médio, a questão ultrapassa os ganhos imobiliários que sua pequena costa marítima de pouco mais de 40 km

<sup>39</sup> Quais os interesses de EUA, Rússia e China na atual crise do Oriente Médio. Ver a respeito: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2023/10/quais-os-interesses-de-eua-russia-e-china-na-atual-crise-do-oriente-medio-clnufc7he0044016saxrbrlo6.html> Acesso em 04/03/2025.

<sup>40</sup> China and the Middle East. Ver a respeito: <https://www.csis.org/analysis/china-and-middle-east> Acesso em 04/03/2025.

<sup>41</sup> Rússia muda discurso e negocia manter bases militares na Síria... Ver a respeito: <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/russia-muda-discurso-e-negocia-manter-bases-militares-na-siria/> Acesso em 04/03/2025.





de extensão possa proporcionar. A descoberta de enormes reservas de gás no território israelense, mas nas proximidades de Gaza, e da construção de toda a infraestrutura para sua exploração indicam a viabilidade econômica das reservas pertencentes ao território. Mas, também não explicariam a agressividade utilizada. De acordo com Abu Madallah, professor de economia da Universidade Al-Azhar, em Gaza, “o objetivo de controlar Gaza e separá-la da Cisjordânia é minar qualquer possibilidade de um Estado palestino independente com soberania sobre sua economia”<sup>42</sup>. E esta parece ser a grande cartada de Israel para a solução final dos conflitos.

A criação de um Estado Palestino, incluindo a Faixa de Gaza, não é apenas uma questão de justiça histórica e autodeterminação para o povo palestino, mas também um fator crucial para a estabilidade e o equilíbrio de poder no Oriente Médio. Tanto a Rússia quanto a China veem nesse processo uma oportunidade para ampliar sua influência política e estratégica na região, contrabalançando a presença dos EUA e promovendo seus próprios interesses econômicos e geopolíticos. No entanto, a viabilidade de um Estado Palestino soberano depende não apenas de acordos políticos, mas também da capacidade de integrar economicamente Gaza e a Cisjordânia. Sem uma solução que garanta a soberania econômica e territorial palestina, qualquer proposta de paz corre o risco de ser insustentável, perpetuando ciclos de conflito e instabilidade que prejudicam tanto os palestinos quanto os interesses de longo prazo das potências regionais e globais.

### 3.5 Reações dos chefes de Estado e comunidade internacional

Apesar de o governo Trump ter se iniciado com o anúncio de muitas medidas<sup>43</sup>, retomando decisões adotadas em seu primeiro governo e eliminando outras que foram aprovadas e levadas a cabo no governo anterior – Biden –, as reações a elas ainda são bastante tímidas. As reações observadas no Brasil e no mundo encontram-se mais no campo especulativo do que na efetiva revisão de posicionamento político e econômico nas relações internacionais.

<sup>42</sup> Existem motivos econômicos por trás do plano de Trump para controlar Gaza? Ver a respeito: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9ajqee85l4o> Acesso em 04/03/2025.

<sup>43</sup> Confira as medidas que Trump anunciou desde o início do governo nos EUA. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/20/confira-as-medidas-que-trump-anunciou-desde-o-inicio-do-governo-nos-eua.ghtml> Acesso em 24/02/2025.





As decisões e ameaças de o país se retirar de organismos internacionais – da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Conselho de Direitos Humanos da ONU e da UNRWA –; a saída do Acordo Global de Tributação da OCDE e do Acordo de Paris; o estímulo à produção de petróleo, gás e à extração mineral, assim como a suspensão de medidas adotadas pelo governo anterior, que buscavam maior sustentabilidade e combate às mudanças climáticas, e até mesmo falas de incentivo explícito ao uso de canudos de plástico em substituição aos feitos com materiais biodegradáveis; o fechamento da USAID (US Agency for International Development) nos EUA (responsável por 42% de toda a ajuda humanitária global); o encerramento de programas que facilitavam o ingresso de imigrantes por motivos humanitários nos EUA; a suspensão da entrada de imigrantes pela fronteira com o México; o fim da cidadania automática para pessoas nascidas nos EUA cujos pais estão em situação irregular; o fim de políticas adotadas no governo anterior voltadas a promover diversidade, equidade, inclusão e direitos de pessoas LGBTQIA+ e minorias raciais; a facilitação da “deportação expressa” e a autorização de prisões de imigrantes em locais antes considerados protegidos, como igrejas e escolas; além da suspensão da emissão de passaportes a gênero não binário, conduzem o mundo a uma percepção de maior isolamento internacional da sociedade e da economia estadunidense, decorrente do princípio anunciado de os “EUA em primeiro lugar”<sup>44</sup> como forma de viabilizar o slogan, usado pela primeira vez pelo ex-presidente Ronald Reagan, em 1980, “Tornar os Estados Unidos Grande Novamente”, que norteou suas campanhas eleitorais vitoriosas<sup>45</sup>.

Com pouco mais de um mês de governo, os pronunciamentos e medidas adotados pelo governo Trump<sup>46</sup> vêm criando um clima de incertezas e de instabilidade nas relações internacionais bastante contundente. De concreto, muito pouca reação internacional pôde ser observada até o momento. Por exemplo, os organismos internacionais a serem abandonados pelos EUA, conforme

<sup>44</sup> Diretiva de política da América Primeiro ao Secretário de Estado. “America First”. <https://static.poder360.com.br/2025/01/diretrizes-america-first-portugues.pdf> Acesso em 24/02/2025.

<sup>45</sup> MAGA – “Make America Great Again”. O que Trump quer dizer com 'tornar a América grande de novo'? <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/historia-hoje/o-que-trump-quer-dizer-com-tornar-america-grande-de-novo.phtml> Acesso em 24/02/2025.

<sup>46</sup> Trump já baixou 66 decretos. <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/trump-ja-baixou-66-decretos-leias-as-integras-em-ingles-e-portugues/> Acesso em 26/02/2025.





pronunciamentos de Trump, aguardam a saída efetiva e, simultaneamente, esperam por uma reversão dos anúncios feitos<sup>47,48</sup>.

No âmbito interno, muitas medidas já se encontram em prática, especialmente aquelas já adotadas em seu governo anterior. Medidas como a facilitação e aceleração para expulsão de imigrantes ilegais, fim do trabalho remoto para funcionários federais e demissão em massa de funcionários públicos federais, entre muitas outras, já vêm mostrando sinais de efetividade, mas simultaneamente se observa crescente contestação judicial a muitas delas e a outras<sup>49</sup>, apesar de o governo contar com um Congresso altamente favorável a ele.

No cenário internacional, as reações contrárias concretas foram pouco expressivas. A se destacar o acordo acertado com os governos do Canadá e do México em adiar por um mês a aplicação de uma taxa de 25% sobre todos os produtos importados pelos EUA desses dois países, poucos dias após a medida ser anunciada<sup>50</sup>. Ainda no campo do comércio internacional, como reação à cobrança de tarifa de 10% sobre as importações provenientes da China para os EUA, o governo chinês estabeleceu cobrança de tarifas variando de 10% a 15% sobre alguns produtos estadunidenses importados pelo país, além de registrar queixa na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra essa medida discricionária contra o país<sup>51</sup>.

No México, representantes de vários países da região se reuniram para discutir estratégias contra a política do governo americano em relação aos imigrantes, especialmente após brasileiros deportados chegarem algemados ao Brasil, enquanto a Colômbia enfrentou uma crise diplomática com os EUA ao se recusar a receber deportados nas condições impostas pelo governo Trump e o

<sup>47</sup> OMS vai cortar custos e rever prioridades com anúncio de saída dos EUA. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2025-02/oms-vai-cortar-custos-e-rever-prioridades-com-anuncio-de-saida-dos-eua> Acesso em 24/02/2025.

<sup>48</sup> Estados Unidos anunciam rompimento com a OMS: Trump busca enfraquecer organização. <https://www.brasilefato.com.br/2025/01/28/estados-unidos-anunciam-rompimento-com-a-oms-trump-busca-enfraquecer-organizacao/> Acesso em 24/02/2025.

<sup>49</sup> Com o Congresso nas mãos, Trump enfrenta resistência nos tribunais. <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/02/23/tribunais-se-tornam-a-ultima-linha-de-defesa-contras-excessos-de-trump.htm> Acesso em 26/02/2025.

<sup>50</sup> Trump adia tarifas contra Canadá e México: os motivos das decisões do presidente dos EUA. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c98yqdzp4ggo> Acesso em 25/02/2025.

<sup>51</sup> China reage às tarifas impostas pelos EUA. <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/china-reage-as-tarifas-impostas-pelos-eua/> Acesso em 25/02/2025.





Brasil protestou com a forma em que os emigrantes brasileiros estavam sendo transportados para o país.

A proposta de Trump de "assumir o controle" da Faixa de Gaza e transferir seus habitantes foi categoricamente rejeitada por países do Oriente Médio, a ONU e os palestinos. Somente o governo de Israel concordou com a iniciativa. O presidente palestino, Mahmud Abbas, e os líderes palestinos expressaram sua forte rejeição aos apelos para tomar a Faixa de Gaza e deslocar os palestinos para fora de sua terra natal. A proposta foi considerada "racista" pelo Hamas, que governa o território desde 2007.

Os líderes europeus reagiram fortemente às políticas de Trump, especialmente em relação à Ucrânia. Após Trump criticar o presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy e alinhar-se com Vladimir Putin, líderes como Emmanuel Macron da França e Friedrich Merz da Alemanha expressaram seu apoio a Zelenskyy e à Ucrânia. Macron destacou a importância de respeitar aqueles que lutam pela dignidade e segurança da Europa, enquanto Merz prometeu apoio contínuo à Ucrânia. A Rússia, por outro lado, elogiou as mudanças de política dos EUA.

A China também teve uma resposta mista às políticas do governo americano. Enquanto Trump intensificou as operações de liberdade de navegação no Mar do Sul da China e aumentou as vendas de armas para Taiwan, Pequim viu essas ações como provocações. No entanto, a China também acusou Washington de sabotagem econômica devido ao aumento das tarifas e controles de exportação de tecnologias sensíveis.

O Canadá enfrentou tensões crescentes com os EUA após Trump ameaçar impor tarifas adicionais e sugerir que o Canadá deveria se tornar o 51º estado americano. O primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, e outros líderes canadenses criticaram fortemente essas propostas, considerando-as ofensivas e prejudiciais para a economia canadense.

### 3.6 Reações das instituições científicas e sistema das Nações Unidas

A comunidade científica global expressou grande preocupação com as medidas de Trump. A revista "Nature" publicou um editorial denunciando os ataques de Trump à ciência e encorajando a comunidade científica a reagir. Entre as medidas mais polêmicas estão: proibição de estudos que mencionam palavras relacionadas a sexo e gênero, raça, deficiência e outras características protegidas; corte de financiamento a agências federais e universidades; demissões em massa





de cientistas, incluindo na NOAA (Administração Nacional Oceânica e Atmosférica); suspensão de bolsas de pesquisa do NIH (Institutos Nacionais de Saúde); corte no financiamento de iniciativas globais diretamente ligadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU; saída do acordo climático de Paris de 2015; cancelamento do financiamento federal dos EUA para projetos internacionais de mudança climática.

Essas ações foram vistas como um ataque sem precedentes à ciência e às instituições de pesquisa, com consequências avassaladoras para o país e o mundo.

As medidas também geraram reações significativas nos sistemas das Nações. A imposição de tarifas agressivas sobre produtos como o aço gerou repercussão, especialmente no Brasil, segundo maior fornecedor do produto para os Estados Unidos. A postura protecionista do novo governo americano está sendo vista como um sintoma do esgotamento do multilateralismo e do fortalecimento do unilateralismo<sup>52</sup>.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) manifestou preocupação com a decisão de retirar os EUA da entidade. A União Europeia, representada pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou que está disposta a negociar com os EUA de forma pragmática, mas sem renunciar a seus princípios, incluindo o compromisso com o Acordo de Paris.

A China ressaltou a importância do multilateralismo e do livre comércio, contrastando com as abordagens protecionistas defendidas por Trump. Durante o Fórum Econômico Mundial em Davos, líderes como o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e o primeiro-ministro da Alemanha, Olaf Scholz, enfatizaram a necessidade de uma postura mais unificada da comunidade internacional diante dos desafios globais<sup>53</sup>.

Essas reações refletem a complexa relação entre os Estados Unidos e a comunidade internacional, marcada por tensões políticas e econômicas que continuam a evoluir.

#### **4 UMA “NOVA” ORDEM INTERNACIONAL E NOSSOS “VELHOS” PROBLEMAS...**

<sup>52</sup> [As tarifas de Trump como sintoma do esgotamento do multilateralismo](https://diplomatie.org.br/as-tarifas-de-trump-como-sintoma-do-esgotamento-do-multilateralismo/). Disponível em: <https://diplomatie.org.br/as-tarifas-de-trump-como-sintoma-do-esgotamento-do-multilateralismo/>. Acesso em 09/03/2025.

<sup>53</sup> As principais reações internacionais à posse de Trump. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/01/20/as-principais-reacoes-internacionais-a-posse-de-trump.htm>. Acesso em 09/03/2025.





#### 4.1 As organizações internacionais sob ataque

As organizações internacionais historicamente desempenham um papel crucial no enfrentamento de diversos desafios globais, promovendo a cooperação entre nações e incentivando a paz, a estabilidade e o desenvolvimento. Elas servem como plataformas para diálogo, negociação e ação coletiva em questões que transcendem fronteiras nacionais, como mudanças climáticas, saúde pública, comércio, segurança e direitos humanos. Ao fornecer estruturas para o direito internacional, normas e padrões, essas organizações ajudam a mitigar conflitos, reduzir desigualdades e garantir uma ordem global mais equitativa.

Apesar da importância dessas instituições para a paz e o progresso global, já no primeiro mandato do presidente Donald Trump, algumas ações foram contrárias à lógica do diálogo, cooperação e cumprimento dos acordos. Naquele período (2017-2021), o governo dos EUA adotou uma postura crítica em relação a várias organizações internacionais, priorizando uma abordagem que colocava a América em Primeiro Lugar. Essa política resultou em uma série de ataques, retiradas e críticas a instituições multilaterais. Embora algumas ações tenham sido revertidas pelo governo Biden, o legado de Trump incluiu um enfraquecimento temporário do multilateralismo e um aumento das tensões entre os EUA e seus aliados tradicionais.

Diante dos desafios geopolíticos atuais, o fortalecimento e a credibilidade dessas instituições é ainda mais necessário. No entanto, ao iniciar seu segundo mandato à frente do Governo dos EUA, Donald Trump anunciou a retirada dos EUA de organizações e acordos internacionais importantes. Tais decisões levantam preocupações em várias áreas. Em relação a essas medidas, em 24 de janeiro de 2025, o FOCUS2030 publicou uma matéria com o título *"The impact of Donald Trump presidency on International Development: An Analysis"*. Em resumo a matéria destaca que foi anunciada a saída dos EUA da OMS: Já no dia 20 de janeiro de 2025, foi emitida uma ordem executiva que anuncia a retirada dos EUA da OMS, suspendendo o financiamento e interrompendo a participação em negociações sobre pandemias. Sendo um grande contribuinte, esta saída pode impactar significativamente o financiamento e apoio à OMS.

No mesmo dia, foi confirmada a postura do país em relação às Mudanças Climáticas, com a retirada dos EUA do Acordo de Paris<sup>54</sup>, suspendendo os

<sup>54</sup> Saída dos EUA do Acordo de Paris... <https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2025-01/saida-dos-eua-do-acordo-de-paris-deve-ser-efetivada-somente-em-2026#:~:text=Sa%C3%ADda%20dos%20EUA%20do%20Acordo%20de%20Paris%20deve%20ser%20efe>





financiamentos relacionados e o Plano de Financiamento Climático Internacional dos EUA, o que pode prejudicar os esforços globais contra as mudanças climáticas. No mesmo caminho foi anunciada a posição de recusa do país em apoiar o Acordo de Tributação Mínima Global da OCDE que estabelece um mínimo de 15% de imposto para corporações multinacionais.

Em relação à Assistência ao Desenvolvimento, Trump impôs uma pausa de 90 dias, excluindo certas ajudas militares e humanitárias, e iniciou um processo de avaliação dos programas de ajuda existentes. Além disso, foi proposta Reforma da USAID com um plano para desmontar a USAID e integrá-la ao Departamento de Estado, mantendo apenas 294 funcionários, o que gerou ações judiciais e um projeto de lei no Congresso para protegê-la.

Em relação à Saúde e Direitos das Mulheres foi proposta a reinstauração da Global Gag Rule, que proíbe apoio a organizações que facilitam o acesso ao aborto, provocando esforços legislativos para sua revogação. Isso ameaça a saúde reprodutiva e direitos humanos internacionais, revertendo progressos importantes.

Também foi proposta a suspensão da ajuda no combate ao HIV/AIDS o que impactou significativamente diferentes frentes de ação na grande área da saúde.

Em síntese, os EUA se retiraram de diversas organizações das Nações Unidas, alinhando-se a ações do mandato anterior para reduzir o apoio aos órgãos considerados contrários aos interesses americanos.

Preocupações emergem quanto ao impacto dessas ações em tópicos como a luta contra a pobreza, desigualdade global, proteção ambiental, saúde reprodutiva e combate a doenças. Incertezas sobre o compromisso dos EUA com o multilateralismo e seus efeitos nos esforços globais persistem, especialmente em relação às mudanças climáticas e à saúde global. As decisões têm potenciais implicações para as políticas internacionais e internações de saúde, direitos humanos e assistência ao desenvolvimento.

Diante das medidas adotadas logo após a posse, Heather Hurlburt, em sua análise publicada em 30 de Janeiro de 2025, chama atenção que embora a retirada dos EUA do Acordo de Paris fosse esperada, a saída da Organização Mundial da Saúde e das negociações sobre um tratado de pandemia surpreendeu muitos. Além disso, Trump considera a possibilidade de sanções contra o Tribunal Penal Internacional e está implementando ações comerciais que afastam ainda

[tivada%20somente%20em%202026,- Entenda%20o%20que&text=Assim%20que%20tomou%20posse%2C%20na,de%20Paris%20sobre%20mudan%C3%A7as%20clim%C3%A1ticas](#) Acesso em 09/03/2025.





mais os EUA das regras da OMC, incluindo tarifas gerais e o fim do livre comércio com a China.

Merece um destaque os desafios do planeta no campo climático em ano de COP 30 no Brasil. Assim que tomou posse, Donald Trump, assinou um decreto retirando o país do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas. Conforme prevê o artigo 28 do próprio Acordo de Paris: “A qualquer momento após três anos da data em que este Acordo entrou em vigor para uma Parte, essa Parte pode se retirar deste Acordo mediante notificação por escrito ao Depositário”.

No caso dos Estados Unidos, os três anos começaram a contar em 4 de novembro de 2016, como para a maioria dos países signatários que aderiram ao tratado ainda em 12 de dezembro de 2015, quando o instrumento foi adotado oficialmente durante a COP21, em Paris. Por essa razão, apesar da primeira saída dos EUA ter ocorrido em 2017, o pedido oficial só foi enviado em novembro de 2019, para que tivesse validade.

Da mesma forma, o artigo 28 do Acordo de Paris também determina que “qualquer retirada entrará em vigor no prazo de um ano a partir da data do recebimento pelo Depositário da notificação de retirada, ou em data posterior conforme especificado na notificação de retirada”. Assim, a decisão só foi efetivada dois meses antes de Trump deixar a Casa Branca em seu primeiro mandato, quase não restando tempo para que o impacto fosse significativo antes do presidente, então eleito, Joe Biden revogar a medida. Em 2025 deve ser o mesmo procedimento, só vigorando em 2026 a saída definitiva.

Embora tenha manifestado uma série de medidas antiambientalistas antes mesmo de ser reeleito, Trump, como no mandato anterior, anunciou a saída apenas do Acordo de Paris e não da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC, na sigla em inglês), que teria como consequência a saída dos dois tratados.

De toda forma, as ordens executivas de Trump não apenas ameaçam as instituições, mas também os princípios da ordem pós-Guerra Fria, com o congelamento de quase toda a ajuda externa dos EUA e o retorno de políticas restritivas de migração. Enquanto o foco da administração de Trump até agora não incide sobre pilares como a NATO ou o Tratado de Não Proliferação Nuclear, permanece a dúvida se os EUA se dispõem a operar dentro dessas instituições ou se as atacarão a seguir.

Embora muitos analistas argumentem que as ações de Trump não resultem em uma ruptura radical com a liderança tradicional dos EUA, a realidade é que questões como clima e saúde são agora prioridades cruciais em outras partes do





mundo. O ceticismo global em relação ao compromisso dos EUA com uma ordem baseada em regras é crescente, e ações de Trump oferecem licença a outros líderes em busca de liberdade em suas políticas.

Com uma paisagem global diferente e a presença de atores dispostos a tirar proveito da retirada dos EUA de normas internacionais, a necessidade de um compromisso renovado com a governança global se torna evidente. Isso requer não apenas o envolvimento de governos ricos, mas também de empresas e economias emergentes que possam remodelar a governança global em seu benefício.

Enquanto os EUA sob Trump podem minar sua posição nas organizações internacionais, a ajuda de Pequim para preencher as lacunas deixadas será incerta. Embora a China tenha ampliado sua presença em instituições internacionais, sua disposição para contribuir proporcionalmente à sua posição econômica é questionável, uma vez que busca ser tratada como uma economia em desenvolvimento na OMC.

O apoio ao sistema de governança global está em risco, e a questão de quais partes da ordem pós-Guerra Fria podem ser salvas deve ser abordada rapidamente. Sem dúvida, a administração de Trump redefine o jogo, e a probabilidade de retorno a uma ordem anterior é improvável; o mundo deve se adaptar a uma nova realidade onde as normas globais são desafiadas e a liderança dos EUA na governança global é reconfigurada.

## 4.2 A ascensão dos BRICS

Diante dos desafios atuais, a expansão do bloco BRICS continua viva no cenário internacional e reflete um crescente desejo de países que enfrentam desafios econômicos e políticos decorrentes da globalização neoliberal, e buscam alternativas que respeitem a soberania e promovam a cooperação entre nações do Sul. Desde a cúpula de Joanesburgo em 2023, países como Arábia Saudita, Argentina, e Irã foram convidados a se unir, enquanto outras nações, incluindo a Turquia e Indonésia, mostram interesse<sup>55</sup>.

Os analistas veem a expansão do BRICS como uma resposta à policrise da globalização neoliberal, que inclui crises econômicas, geopolíticas, ecológicas e

---

<sup>55</sup> VARDELL, Javier. (2024). Brics Plus: Desejado pelo Sul, temido pelo Norte. <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/brics-plus-desejado-pelo-sul-temido-pelo-norte/html> Acesso em 09/03/2025.





de legitimidade. O BRICS ampliado propõe a desconexão do sistema capitalista global sob hegemonia dos EUA, favorecendo um sistema multipolar com maior autonomia para o desenvolvimento doméstico. A trajetória é a de um afastamento da dominação americana, buscando promover uma nova ordem econômica internacional que inclua mecanismos monetários alternativos e reconheça a diversidade cultural.

Vários fatores impulsionam o crescimento do BRICS ampliado. No âmbito geopolítico, há uma desconfiança na liderança dos EUA. Financeiramente, a desvalorização do dólar, pela sua utilização como ferramenta de sanções, incentiva a desdolarização. Culturalmente, o BRICS ampliado apela para uma globalização inclusiva, contrapondo-se ao universalismo ocidental e apoiando-se em valores como a soberania e a não intervenção.

Em termos de governança global, o BRICS ampliado visa desafiar a ordem atual dominada por valores ocidentais, promovendo um sistema mais colaborativo e multipolar. Essa transformação busca um equilíbrio entre as relações Norte-Sul, permitindo a inclusão de políticas de desenvolvimento alternativas e aumentando a influência das economias emergentes.

O novo modelo de governança global preconizado pelo BRICS ampliado contribuiria para a transição de uma globalização neoliberal para uma ordem mundial que não é dominada por uma única superpotência. Isso permitiria acomodar diversas estratégias de crescimento que refletem melhor as complexidades e interdependências do cenário internacional contemporâneo. Assim, de acordo com Vardell, o BRICS ampliado emerge como uma força transformadora no cenário global, visando equilibrar as relações de poder e responder às várias crises desencadeadas pelo modelo de globalização neoliberal, ao mesmo tempo em que promove uma maior autonomia e cooperação entre as nações em desenvolvimento.

Ao tratar do tema em Janeiro de 2025, Ryanto<sup>56</sup> examina as dinâmicas em torno do bloco BRICS, especialmente à luz da potencial ameaça de tarifas de 100% por parte do presidente eleito dos EUA, Donald Trump, contra as nações do BRICS caso elas minem o dólar americano. Apesar dessas ameaças, o autor argumenta que os analistas sugerem que a expansão dos BRICS provavelmente não será impedida e o crescimento do bloco está ocorrendo. Por exemplo, recentemente, o Brasil anunciou a admissão da Indonésia no bloco, e com mais de 30 países

<sup>56</sup> Ryanto, Abby. The BRICS bloc is growing — and Trump's tariff threat isn't expected to put off aspiring members. <https://www.cnbc.com/2025/01/17/the-brics-bloc-is-growing-and-trumps-tariff-threat-isnt-expected-to-put-off-aspiring-members.html> Acesso em 09/03/2025.





expressando interesse em ingressar no bloco. Essa expansão foi destacada durante a 16ª cúpula anual em Kazan, onde países como Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos foram oficialmente admitidos. Sob a presidência de Joe Biden, os EUA não percebiam os BRICS como uma ameaça. No entanto, com a administração Trump a expectativa é que pode ocorrer uma mudança significativa e a principal ameaça é a imposição de tarifas para conter as ações dos membros dos BRICS contra o dólar. Nessa questão, os especialistas argumentam que o tamanho do BRICS pode dissuadir os EUA de implementar tais medidas punitivas, pois isso arriscaria atrair países neutros para a rivalidade EUA-China e comprometer os interesses dos EUA. A China pode aliviar qualquer ataque comercial dos EUA sobre os BRICS, motivada por seu objetivo de se posicionar como uma líder global com o apoio do mundo em desenvolvimento. Com a China sendo o principal parceiro comercial para cerca de 120 países, o impacto potencial das tarifas dos EUA poderia ser mitigado.

O autor ainda sugere que a ameaça de tarifas de Trump depende da capacidade dos BRICS de destronar o dólar como a moeda comercial dominante. Os esforços da Rússia para a desdolarização visam contornar a rede SWIFT e diminuir os impactos das sanções dos EUA. As discussões durante a cúpula de Kazan sobre a criação de uma moeda unificada dos BRICS ou a facilitação do comércio multicambial, como transações em yuan e rublo, destacam o crescente comércio interno em moedas locais. No entanto, o dólar ainda é mais utilizável internacionalmente que o yuan chinês, devido aos mercados financeiros dominados pelo dólar. Apesar das iniciativas e retóricas, o bloco BRICS recebe críticas como sendo apenas um "clube de debates", com falta de estratégia e ação coesas. A cúpula de 2024 em Kazan foi descrita por seus mínimos resultados concretos. Essa percepção poderia proteger os BRICS de um confronto direto dos EUA, especialmente com o papel significativo, mas cauteloso, da China dentro do grupo. Embora a China busque alavancar sua influência, preocupações entre os membros sobre a potencial dominância de Pequim persistem.

Por sua vez, Sarma<sup>57</sup> argumenta que embora Rússia e China sejam defensores vocais de uma moeda alternativa, a Índia mantém ceticismo em relação à adoção de uma moeda única do bloco dos BRICS, citando a complexidade de alinhar as políticas entre as nações membros. Diante disso, a postura agressiva de Trump reflete uma estratégia para reafirmar a dominância dos

---

<sup>57</sup> Sarma, Hriday CH. (2025). Trump's Return and BRICS: A New Era of Strategic Uncertainty. <https://eng.globalaffairs.ru/articles/trumps-and-brics-sarma/> Acesso em 09/03/2025.





EUA no comércio e finanças globais. Porém, essa abordagem pode alienar parceiros comerciais importantes e desencadear medidas retaliatórias, desestabilizando os mercados internacionais. As tarifas sobre Canadá e México são uma ruptura significativa, gerando críticas sobre os impactos negativos de tais políticas protecionistas.

De acordo com o autor, o retorno de Trump pode impactar a ordem geopolítica e econômica. Especialmente porque o seu histórico inclui a retirada de acordos multilaterais e engajamento em guerras comerciais que resultaram em volatilidade econômica. O BRICS ampliado emerge como uma força influente nesse novo cenário, não apenas em termos econômicos, mas também como um contrapeso geopolítico às instituições ocidentais.

Apesar disso, dentro do BRICS, fissuras são evidentes, com a Índia mantendo uma política externa balanceada entre Ocidente e potências como Rússia e China. A China busca ativamente a desdolarização, enquanto a Rússia, impactada por sanções ocidentais, acelera sua busca por alternativas financeiras. Brasil e África do Sul apoiam essas iniciativas, mas sem o mesmo peso econômico de China e Rússia.

Nesse cenário, a volta de Trump pode intensificar as confrontações econômicas, especialmente com a China, e catalisar um realinhamento estratégico inesperado. A Índia poderá ter que recalibrar sua posição dependendo das consequências econômicas das políticas comerciais americanas, enquanto a União Europeia pode buscar reforçar parcerias com as nações BRICS. Em meio a essas incertezas, tanto EUA quanto BRICS estão entrando em um período de contestação econômica e geopolítica intensificada. Os próximos anos serão cruciais para determinar se essas tensões resultarão em uma mudança fundamental na ordem financeira global ou apenas reforçarão as divisões existentes na economia mundial fragmentada.

Em termos de perspectivas, Hopper (2025)<sup>58</sup> em artigo publicado em 16 de Fevereiro de 2025, argumenta a postura agressiva de Donald Trump, recém-eleito presidente dos EUA, em relação ao grupo BRICS embora possa parecer fortalecer a posição do dólar, pode ter o efeito oposto, incentivando os BRICS a acelerarem seus esforços, especialmente com a China liderando o processo de desdolarização. A China, desconfiada do uso do dólar como ferramenta geopolítica, tem promovido o uso do yuan e diversificado suas reservas

<sup>58</sup> Timothy Hopper, Timothy. (2025). Can Trump Halt the BRICS De-Dollarization Effort? <https://www.geopoliticalmonitor.com/can-trump-halt-the-brics-de-dollarization-effort/> Acesso em 09/03/2025.





estrangeiras, favorecendo o ouro e outras moedas. Para o BRICS, Trump não desanima os países, mas sim estimula uma reação conjunta para criar um sistema financeiro menos dependente dos EUA.

Apesar dos desafios logísticos enfrentados pelo BRICS na criação de uma moeda alternativa, essas iniciativas refletem a determinação coletiva do bloco de reduzir a influência dos EUA. As ameaças de Trump podem interromper estes esforços a curto prazo, mas validam as preocupações subjacentes, reforçando a desconfiança de que os EUA utilizam seu poder econômico sem considerar a estabilidade financeira global. Com a confiança no dólar em risco, Trump pode inadvertidamente acelerar uma transição para um sistema financeiro mais multipolar, levando o mundo a se unir contra Washington.

#### 4.3 Os desafios para uma Europa fragilizada e dividida (França e Alemanha)

Muitas incertezas no plano nacional pairam sobre a Alemanha e a França, dois pilares da União Europeia (UE), o que termina fragilizando o papel de seus governantes, e da própria EU, na geopolítica internacional.

No último domingo de fevereiro (23/02) ocorreram eleições parlamentares na Alemanha, com um comparecimento maciço do eleitorado (colégio eleitoral de 63 milhões de eleitores), e mudanças significativas no cenário político nacional<sup>59</sup>.

O modelo político alemão tem como característica principal a presença de um federalismo parlamentarista, no qual mecanismos cooperativos procuram reduzir as desigualdades regionais, aspecto que ganhou prioridade nos anos de 1990 durante a reunificação do país. Prevalece também o sistema eleitoral misto na eleição para a câmara baixa do parlamento alemão (Bundestag), combinando o voto distrital (metade cadeiras são preenchidas pela eleição nos distritos eleitorais) e o voto proporcional (demais cadeiras são ocupadas de acordo com a votação percentual alcançada pelos partidos políticos)<sup>60</sup>.

O resultado do processo eleitoral recentemente encerrado foi o seguinte: SPD (partido social-democrata, de centro-esquerda) ficou com 120 cadeiras na

<sup>59</sup> BBC News Brasil. *Conservadores confirmam vitória na Alemanha e direita radical tem votação recorde.* BBC News Brasil, São Paulo, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx28v597pelo>. Acesso em 25/02/2025.

<sup>60</sup> G1. *O que você precisa saber sobre as eleições na Alemanha.* G1/São Paulo, 2025-a, disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/22/o-que-voce-precisa-saber-sobre-as-eleicoes-na-alemanha.ghtml>. Acesso em 25/02/2025.





câmara baixa, 86 a menos do que na eleição geral de 2021; CDU/CSU (coalizão de dois partidos conservadores, o pujante União Democrática Cristã (CDU) e o pequeno União Social Cristã da Bavieira (CSU) alcançou 208 cadeiras, 11 a mais do que em 2021; AfD (partido de extrema direita “Alternativa para Alemanha”) conquistou 152 cadeiras, 69 a mais do que em 2021; Partido Verde conseguiu 85 cadeiras, 33 a menos do que em 2021; A Esquerda (partido político de esquerda) alcançou 64 cadeiras, 25 a mais do que em 2021<sup>61</sup>.

O grande derrotado nas eleições parlamentares da Alemanha foi atual primeiro-ministro Olaf Scholz (SPD), tendo o partido social-democrata alcançado apenas 16,4% dos votos computados. É bom lembrar que o SPD defende o Estado de bem-estar social, direitos trabalhistas, transição energética para fontes renováveis e maior integração do país com a União Europeia. Scholz assumiu o cargo de primeiro-ministro, também chamado de chanceler, em dezembro de 2021, logo depois das eleições parlamentares daquele ano. Sucedeu Angela Merkel (CDU), que governou o país no período de 2005 a 2021.

Friedrich Merz (CDU) liderou a coalizão conservadora vitoriosa, localizada na centro-direita, que obteve 28.6% dos votos. Ele terá o desafio de formar o novo governo alemão. Suas primeiras manifestações indicam que não pretende incorporar na coalizão governamental o partido de extrema-direita (AfD). A legenda “Alternativa para Alemanha” (AfD) tornou-se a segunda força política no parlamento, com uma votação recorde de 20,8%, tendo como principal liderança Alice Weidel<sup>62</sup>. A ascensão destas forças políticas e sociais aponta para mudanças na composição do Bundestag e no sistema partidário nacional. O fracasso do partido social-democrata teve como beneficiários o CDU e o AfD, representando uma guinada à direita do eleitorado, e que terá consequências na agenda governamental.

O partido político “A Esquerda” mais que dobrou o número de cadeiras no parlamento, possivelmente ocupando parte do espaço deixado pela derrota do SPD, e também como resposta ao crescimento da AfD. Suas lideranças principais são Ines Schwwerdtner e Jan van Aken.

<sup>61</sup> G1. Social-democratas sofrem derrota histórica na Alemanha, conservadores vencem, e extrema direita tem ascensão recorde. G1/São Paulo, 2025-b, disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/24/conservadores-vencem-eleicao-na-alemanha-e-extrema-direita-tem-ascensao-recorde.ghtml>. Acesso em 10/03/2025.

<sup>62</sup> ORGAZ, Cristina J. O milagre alemão terminou, e Europa sofrerá as consequências. BBC News Brasil, São Paulo, 23/11/2024. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3wq292z3w5o>. Acesso em 25/02/2025.





Os temas que pautaram as eleições parlamentares na Alemanha em 2025 foram os seguintes: 1) crise econômica; 2) migração; 3) transição energética e clima; 4) guerra da Ucrânia e relação com União Europeia; 5) reforma do sistema de saúde e previdência<sup>63</sup>. A derrota do primeiro-ministro Olaf Scholz tem relação com os problemas na economia da Alemanha, que se agravaram durante seu governo, e se torna um dos grandes desafios para os próximos anos. A questão do combate aos imigrantes confirma uma tendência presente nas eleições recentes na Europa e nos Estados Unidos<sup>64</sup>, o que tem favorecido partidos de extrema-direita.

Na França, as incertezas no plano político também são pronunciadas, especialmente depois das eleições nacionais realizadas em 2024. Nesta oportunidade o presidente Emmanuel Macron conseguiu impedir a vitória da extrema-direita no segundo turno da eleição para Assembleia Nacional, mas assistiu sua coalizão de centro perder assentos no parlamento e sua liderança sair do pleito mais enfraquecida.

Considerando o resultado do segundo turno, realizado no dia 07 de julho do ano passado, destacam-se as seguintes forças políticas: a aliança de esquerda "Nova Frente Popular(NFP)" conquistou 182 assentos na Assembleia Nacional, tendo como principal liderança Jean-Luc Mélenchon, com avanço de 33% em relação a eleição nacional de 2022; a coalizão de centro-direita "Juntos", apoiada pelo presidente Emmanuel Macron, alcançou 168 assentos, com uma queda de 82% em relação a eleição anterior; o partido de extrema-direita "Reagrupamento Nacional (RN)", liderado por Marine Le Pen, atingiu 143 cadeiras, com crescimento de 55% comparado a eleição de 2022. Ainda se pode destacar o partido "Republicanos", de centro-direita, que obteve 45 assentos, com queda de 16% em relação ao pleito anterior. (G1, 2024-a). Observa-se, portanto, o avanço da fragmentação partidária e de partidos políticos de oposição ao atual presidente.

Como consequência das eleições parlamentares de 2024, o primeiro-ministro Gabriel Attal, correlegionário de Macron, renunciou ao cargo. O sistema político francês admite que o presidente República (chefe de Estado) e o primeiro-ministro (chefe de governo) possam ser de partidos políticos diferentes. Entretanto, a NFP não conseguiu alcançar a maioria de cadeiras no parlamento, o que possibilitou a Macron buscar um nome fora desse conjunto de forças políticas. A

<sup>63</sup> Kinkartz, Sabine. Alemanha: O que está em jogo nas eleições? Deutsche Welle/Brasil, São Paulo, 22/02/2025, disponível em <https://www.dw.com/pt-002/alemanha-o-que-est%C3%A1-em-jogo-nas-elei%C3%A7%C3%B5es/a-71713563>. Acesso em 25/02/2025.

<sup>64</sup> PRZEWORSKI, Adam; tradução Berilo Vargas. *Crises da Democracia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.





escolha do primeiro-ministro no contexto pós-eleitoral foi demorada. O presidente terminou escolhendo, em setembro de 2024, o político conservador Michel Barnier, que foi deposto pelo parlamento francês no início de dezembro de 2024. Um sinal de dificuldades no semipresidencialismo francês. No mesmo mês, Macron escolheu François Bayrou, político de centro e integrante da sua base de sustentação política<sup>65</sup>. As incertezas no plano nacional devem permanecer. Em boa medida, elas derivam de uma Assembleia Nacional marcada pela fragmentação partidária, com forças de oposição expressivas à esquerda e à direita, e base de sustentação política em declínio.

A próxima eleição presidencial na França será em abril de 2027, e Emmanuel Macron não poderá concorrer. O tempo ainda distante do pleito pode contribuir para que o presidente possa dedicar mais tempo a política externa, especialmente em relação às negociações envolvendo o fim da guerra da Ucrânia<sup>66</sup>. De uma certa forma ele representa a voz mais forte da União Europeia nesse momento, embora já não tenha o mesmo apoio de outrora em seu país.

#### 4.4 A questão dos imigrantes

O fenômeno das migrações tem se tornado um dos temas centrais do debate geopolítico e humanitário contemporâneo, desafiando Estados, organizações internacionais e sociedades civis a encontrar soluções equilibradas de respeito à soberania nacional de cada território, mas, ao mesmo tempo, de irrenunciável adesão aos princípios gerais dos direitos humanos. A intensificação de conflitos armados, crises econômicas, mudanças climáticas e perseguições políticas têm levado milhões de pessoas a buscarem refúgio em países mais estáveis, o que acaba por se tornar fator gerador de tensões políticas e sociais. Segundo dados da ONU<sup>67</sup>, o número de deslocados forçados ultrapassou os 110

<sup>65</sup> G1. Quem é François Bayrou, nomeado primeiro-ministro da França por Macron. G1/São Paulo, 2024-b, disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/12/13/quem-e-francois-bayrou-nomeado-primeiro-ministro-da-franca-por-macron.ghtml>. Acesso em 25/02/2025.

<sup>66</sup> G1. Durante encontro na Casa Branca, Macron corrige Trump sobre dinheiro enviado para a Ucrânia. G1/São Paulo, 2025-c, disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/24/durante-encontro-na-casa-branca-macron-corrige-trump-sobre-gastos-com-a-ucrania.ghtml>. Acesso em 25/02/2025.

<sup>67</sup> ACNUR: O deslocamento forçado continua a crescer à medida que os conflitos aumentam. Link: [https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/acnur-o-deslocamento-forcado-continua-crescer-medida-que-os-conflitos#:~:text=Genebra%2C%2025%20de%20outubro%20de,ONU%20para%20Refugiados%20\(ACNUR\)](https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/acnur-o-deslocamento-forcado-continua-crescer-medida-que-os-conflitos#:~:text=Genebra%2C%2025%20de%20outubro%20de,ONU%20para%20Refugiados%20(ACNUR)). Acesso em 25/02/2025.





milhões de pessoas em 2023, evidenciando a gravidade do problema e a necessidade de respostas coordenadas e com a adesão de todos.

Entre os principais focos da crise migratória atual estão as rotas do Mediterrâneo, onde milhares de pessoas da África e do Oriente Médio arriscam suas vidas para chegar à Europa, e a fronteira sul dos Estados Unidos, que recebe fluxos constantes de migrantes da América Latina. No primeiro caso, países como Itália e Grécia enfrentam dificuldades para lidar com o grande número de chegadas, enquanto a União Europeia busca equilibrar medidas de acolhimento com políticas de controle mais rígidas. No segundo, os EUA lidam com um impasse político sobre o tratamento dos migrantes, especialmente diante do aumento das travessias ilegais e das condições precárias nos centros de detenção, e as recentes iniciativas tomadas pelo presidente Donald Trump agravam ainda mais a situação que já era de bastante fragilidade.

Além dos fatores tradicionais, como guerras e crises econômicas, as mudanças climáticas emergem como um motor significativo das migrações contemporâneas. A desertificação no Sahel, na África, a elevação do nível do mar em países insulares e eventos climáticos extremos, como furacões e secas prolongadas, acabam por também forçar as populações a abandonarem suas terras. Esse fenômeno, geralmente referido como “migração climática”<sup>68</sup>, ainda carece de um arcabouço jurídico internacional adequado, já que as convenções sobre refugiados não reconhecem explicitamente o deslocamento forçado por razões ambientais.

A resposta global à crise migratória tem sido marcada por políticas contraditórias e, muitas vezes, restritivas. Enquanto alguns países adotam medidas de acolhimento, como o Canadá, que mantém programas de reassentamento de refugiados<sup>69</sup>, outros, como Hungria e Polônia, têm endurecido suas fronteiras e restringido o acesso a solicitantes de asilo<sup>70</sup>. O debate se acirra especialmente em períodos eleitorais, quando discursos anti-imigração ganham força, às custas da exploração de temas como a questão da segurança e a incerteza sobre o mercado de trabalho. E isso mesmo em países nos quais, em longo prazo, os

<sup>68</sup> Entenda o que é migração climática. Link: <https://www.ecycle.com.br/migracao-climatica/> Acesso em 25/02/2025.

<sup>69</sup> Como funciona o sistema de refugiados do Canadá. Link: <https://www.canada.ca/en/immigration-refugees-citizenship/services/refugees/about-refugee-system/how-system-works.html> Acesso em 25/02/2025.

<sup>70</sup> Países anti-Pacto Global para Migração chegam a prender solicitantes de refúgio. Link: [https://migramundo.com/paises-anti-pacto-global-para-migracao-chegam-a-prender-solicitantes-de-refugio/#google\\_vignette](https://migramundo.com/paises-anti-pacto-global-para-migracao-chegam-a-prender-solicitantes-de-refugio/#google_vignette) Acesso em 25/02/2025.





migrantes podem contribuir significativamente para o seu crescimento econômico e renovação demográfica, como é o caso de Portugal.

Diante desse panorama, torna-se essencial repensar as políticas migratórias, na promoção dos direitos humanos fundamentais. Por exemplo, promovendo rotas legais e seguras para migrantes e refugiados. Além disso, o enfrentamento das causas estruturais das migrações, como a pobreza, os conflitos e a degradação ambiental, deve ser uma prioridade da comunidade internacional. Somente por meio de cooperação multilateral, programas de desenvolvimento sustentável e mecanismos eficazes de proteção será possível gerir esse que tem sido um dos desafios mais marcantes do século XXI.

#### 4.5 A questão climática

Na maioria dos casos a questão climática é associada ao sistema capitalista de produção. Entretanto, a China, maior causadora de emissões de gases poluentes, é responsável por 30% do total das emissões globais, enquanto os Estados Unidos, em segundo lugar, são responsáveis por 14%<sup>71</sup>.

O Acordo de Paris, tratado internacional com o objetivo de reduzir as emissões de gases do efeito estufa (CO<sub>2</sub>), envolvendo 193 países mais a União Europeia, estabeleceu a meta de aumento da temperatura permaneça abaixo de 2°C, sendo o ponto ideal um aumento até 1,5°C. O limite de 1,5°C foi o sugerido pela equipe de cientistas do clima e, em última análise, foi adicionado ao texto como um ideal, em vez da meta formal do acordo<sup>72</sup>.

O problema é que a partir de 2015 o aquecimento acelerou e o planeta vem, apresentando eventos extremos com frequência em diversas regiões; o planeta está aquecendo em um ritmo maior que os cientistas previram, e pela primeira vez, a média da temperatura do planeta ao longo do ano, no caso de 2024, ultrapassou 1,5 °C (1,55°C)<sup>73</sup>.

<sup>71</sup> Os países mais poluentes do mundo e suas consequências ambientais. Em: <https://pt.renovablesverdes.com/pa%C3%ADses-mais-poluentes-do-mundo/> Acesso em 09/03/2025.

<sup>72</sup> Acordo de Paris sobre as alterações climáticas. Ver em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/paris-agreement-climate/> Acesso em 09/03/2025.

<sup>73</sup> ONU confirma 2024 como o ano mais quente já registrado, com cerca de 1,55°C acima dos níveis pré-industriais. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/287173-onu-confirma-2024-como-o-ano-mais-quente-j%C3%A1-registrado-com-cerca-de-155%C2%B0c-acima-dos-n%C3%ADveis> Acesso em 09/03/2025.





Não se trata de um fenômeno climático, como *El Niño*, por exemplo, ou algo de natureza cíclica. A humanidade terá que se adaptar aos eventos extremos daqui em diante. No Brasil, já estão presentes tais eventos, como as catástrofes no Rio Grande do Sul, seca na Região Norte, ciclones cada vez mais frequentes em Santa Catarina e chuvas intensas nos centros urbanos, causando alagamentos, destruição de propriedades e mortes.

Segundo cientistas, se a temperatura subir acima de 2°C nos próximos 25 anos, poderemos ter “a perda de praticamente todos os recifes de corais do planeta; a perda de mais de 50% da Amazônia e a liberação de bilhões de toneladas de gás carbônico na atmosfera; a perda da maior parte do permafrost<sup>74</sup>, o solo permanentemente congelado no norte do planeta, e a liberação do metano retido neste gelo”.

A COP30 será realizada no Brasil<sup>75</sup>, e vai se basear nos dados divulgados pela Agência Copernicus<sup>76</sup> confirmando que 2024 foi o ano mais quente já registrado na história. A notícia fica pior sem a presença dos Estados Unidos, que iniciou o ano de 2025 anunciando a saída do Acordo de Paris. “O movimento reflete o ceticismo de Trump em relação ao aquecimento global, que ele chamou de farsa, e se encaixa em sua agenda mais ampla para liberar a exploração de petróleo e gás dos EUA de regulamentações para maximizar a produção. Ele promete reforçar o uso de combustíveis fósseis e desmantelar políticas ambientais estabelecidas por seu antecessor, Joe Biden”<sup>77</sup>.

Com a saída definitiva dos Estados Unidos a partir de 2026, mesmo que temporária, aumentam ainda mais os riscos de não cumprimento das metas (1,5°C), bem como as dificuldades para a humanidade se adaptar aos desastres relacionados ao clima.

Um dos maiores problemas a ser enfrentados, e que afeta diretamente a vida humana, é a produção de alimentos. A agricultura e a pecuária estão sendo diretamente atacadas pelos efeitos climáticos que, como já mencionado, tendem

<sup>74</sup> Entenda o que são os 'permafrost' e por que são uma ameaça à saúde humana. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/29/entenda-o-que-sao-os-permafrost-e-por-que-sao-uma-ameaca-a-saude-humana.ghtml> Acesso em 09/03/2025.

<sup>75</sup> COP30: o que os cientistas dizem sobre o nosso momento climático global. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/cop30-o-que-os-cientistas-dizem-sobre-o-nosso-momento-climatico-global/> Acesso em 09/03/2025.

<sup>76</sup> O Copernicus em resumo. Ver em: <https://www.copernicus.eu/pt-pt/acerca-do-copernicus/o-copernicus-em-resumo> Acesso em 09/03/2025.

<sup>77</sup> Trump assina decreto que retira EUA do Acordo de Paris... - Veja mais em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2025/01/20/trump-assina-decreto-que-retira-eua-do-acordo-de-paris.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 09/03/2025.





a ser permanentes. A questão climática afeta a produção e, conseqüentemente, os preços dos alimentos a ponto de ser formatado um novo tipo de inflação: a *heatflation*<sup>78</sup>.

*Heatflation* é um termo que combina "heat" (calor) e "inflation" (inflação) para descrever o impacto das mudanças climáticas, especialmente das ondas de calor, no aumento dos preços dos alimentos. Trataremos neste texto como "termo inflação".

Isso acontece porque eventos climáticos extremos, como secas e temperaturas elevadas, afetam a produção agrícola, reduzem a oferta de alimentos e aumentam os custos de produção e transporte. O aumento nos custos de produção já está presente em grande parcela dos cultivos, como a intensificação de sistemas de irrigação, confinamentos entre outros. Com isso, os preços sobem, alimentando ainda mais o processo inflacionário.

Por exemplo, uma onda de calor intensa pode prejudicar colheitas de trigo, milho ou café, levando a um aumento no preço desses produtos no mercado. Esse fenômeno já tem sido observado em várias regiões do planeta. O café está sendo queimado pelo sol forte, tanto no Brasil, quanto no Vietnã, os dois maiores produtores.

À medida que a oferta de alimentos diminui, os preços começam a subir, representando uma ameaça significativa à segurança alimentar, especialmente para as populações mais vulneráveis.

Há um cálculo de Elasticidade preço dos alimentos versus calor, demonstrando que o aumento de 1°C na temperatura em um determinado mês, a inflação dos alimentos aumenta 0,2%. A estimativa é de aumento nos preços dos alimentos em 3% ao ano até 2035<sup>79</sup>.

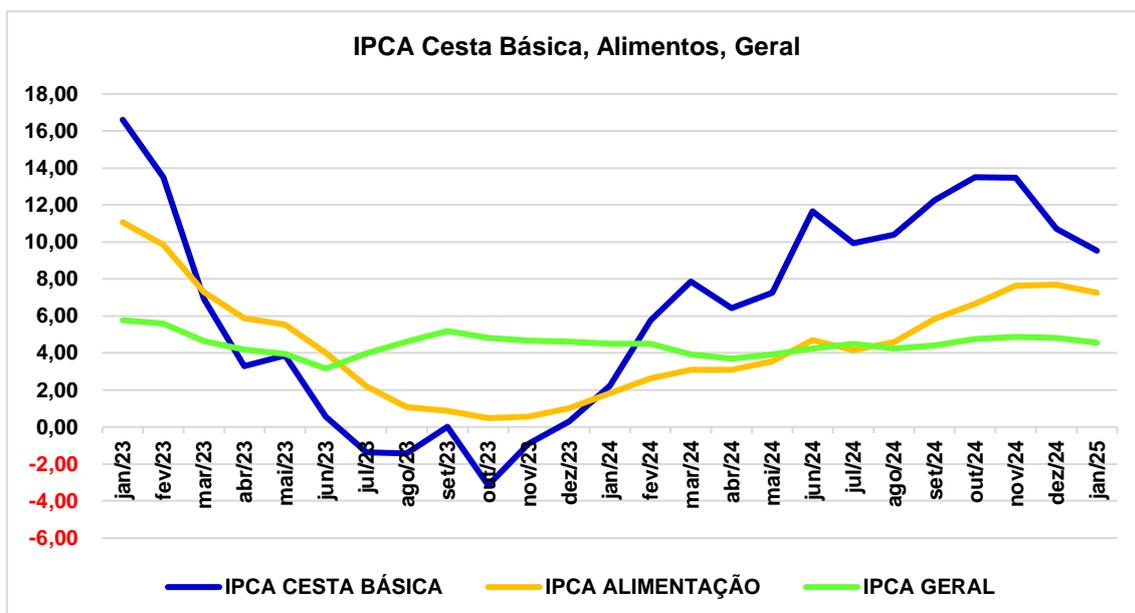
O calor gera plantas suscetíveis a pragas e doenças, quebra de safra, queda na qualidade do solo, impacto nas estações, complicando o calendário agrícola, e tem como conseqüências queda na produtividade, aumento nos custos de produção e aumento nos preços.

O gráfico a seguir apresenta uma série histórica dos último dois anos do Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA) e três estratos: inflação geral, nos alimentos e nos itens da cesta básica.

<sup>78</sup> What is heatflation? Disponível em: <https://www.weforum.org/videos/what-is-heatflation/> Acesso em 09/03/2025.

<sup>79</sup> Global warming and heat extremes to enhance inflationary pressures. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s43247-023-01173-x> Acesso em 03/03/2025.





Fonte: IBGE  
Elaboração: PUCPR

A inflação dos alimentos, e em especial dos itens da cesta básica, está acima da inflação média (geral). O aumento na demanda de alimentos, ou seja, a inflação de alimentos é pressionada de todos os lados, mas a partir de agora pelo clima também.

É difícil afirmar quanto da inflação dos alimentos no Brasil é fruto dos efeitos climáticos, ou seja, qual é a nossa “termo inflação”, mas um olhar para o lado da oferta fornece pistas, como já mencionado anteriormente.

É importante ressaltar que a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris gera uma externalidade negativa (um efeito multiplicador) sobre a questão climática no planeta. Isso porque a justificativa tem impacto sobre a ciência do clima, em especial nas pesquisas da área.

A política energética do governo Trump tem dois vieses que comprometem a questão do clima: pretende expandir a produção de combustível fóssil, focando em petróleo e gás. Em paralelo, pretende reduzir investimentos em fontes renováveis de energia limpa.

“Trump anunciou planos para turbinar a exploração de petróleo e gás natural, reduzir restrições ambientais e enfraquecer incentivos para energia renovável e veículos elétricos. Em mais uma investida contra a ciência e contra o clima, o governo Donald Trump barrou a participação de cientistas





governamentais americanos na primeira reunião do ano do mais importante painel global de pesquisadores sobre as mudanças climáticas (o IPCC)”<sup>80</sup>.

A ação dos governos, por meio de políticas públicas, precisa da produção conjunta de estudos e análises sobre o clima. “Esses documentos são produzidos em ciclos a cada cinco ou sete anos, em um enorme esforço global, com milhares de cientistas trabalhando voluntariamente para reunir e avaliar todo o conhecimento científico de ponta produzido ao redor do mundo sobre o status da crise climática, seus riscos e impactos, além das principais estratégias de redução das emissões de gases do efeito estufa e de adaptação às consequências do aumento de temperatura global”<sup>81</sup>.

#### 4.6 Perspectivas

As hipóteses e expectativas em relação ao futuro da geopolítica internacional decorrentes das decisões do novo presidente dos EUA são diversas e, por que não, controversas. Por exemplo, uma pesquisa realizada Conselho Europeu de Relações Exteriores (ECFR), revela que existem pessoas em muitos países ao redor do mundo que estão otimistas quanto ao segundo mandato de Trump. As expectativas otimistas estão ancoradas na crença de que Trump não apenas será bom para os Estados Unidos, mas também trará paz ou reduzirá tensões na Ucrânia, no Oriente Médio e nas relações entre EUA e China.

Em contraste, aliados dos EUA na Europa e na Coreia do Sul mostram-se notavelmente pessimistas sobre o novo presidente, sugerindo um enfraquecimento adicional do Ocidente geopolítico. Os ucranianos estão ligeiramente mais positivos do que negativos sobre o impacto que Trump pode ter em acabar com o conflito com a Rússia, mas estão profundamente divididos sobre o que poderia ser um compromisso aceitável com Moscou.

Os resultados da pesquisa também destacam que os europeus acreditam que enfrentarão dificuldades para encontrar unidade interna ou poder global para

<sup>80</sup> Clima sob ataque: O que significa decisão de Trump de barrar cientistas no IPCC... Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/clima-sob-ataque-o-que-significa-decisao-de-trump-de-barrar-cientistas-no-ipcc/>. Acesso em 09/03/2025.

IPCC: órgão da ONU composto por representantes de 195 países, é a principal autoridade científica no mundo quando o assunto é a emergência climática. Seus relatórios de avaliação compilam o estado da arte da ciência climática e são peças fundamentais.

<sup>81</sup> Clima sob ataque: O que significa decisão de Trump de barrar cientistas no IPCC... Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/clima-sob-ataque-o-que-significa-decisao-de-trump-de-barrar-cientistas-no-ipcc/>. Acesso em 09/03/2025.





liderar uma resistência explícita à nova administração. No entanto, a pesquisa revela que muitos no mundo veem a União Europeia como um ator igual aos EUA e à China — uma força que os líderes europeus devem aproveitar ao entrar no turbulento novo mandato presidencial. A ideia que em vez de se apegarem a uma ordem liberal pós-Guerra Fria, os europeus devem concentrar-se em entender e ver oportunidades no novo mundo.

Na visão do economista Alex Dean, expressa no artigo "*Trump, geopolitics and the future of globalization*", publicado em 19 de Janeiro de 2025, o retorno de Donald Trump à presidência dos EUA pode ameaçar a ordem global baseada em regras e a globalização. De acordo com o Dean, desde 1945, essa ordem tem promovido paz e prosperidade, mas sua estabilidade está em risco devido à crescente hostilidade entre os EUA e potências autocráticas como China e Rússia. As políticas propostas por Trump priorizam a defesa dos interesses americanos, o que pode levar a uma nova onda de conflitos.

As principais ameaças à globalização incluem a possível deterioração do comércio internacional, a divisão da economia digital e a escalada de conflitos militares. Trump, que já havia adotado uma postura protecionista em seu primeiro mandato, pretende impor tarifas significativas sobre importações, incluindo 10-20% em todos os produtos e 60% sobre importações da China, o que, segundo o Fundo Monetário Internacional, poderia reduzir o crescimento global em até 1% em 2025.

Além disso, suas políticas podem acentuar a rivalidade tecnológica com a China, separando ainda mais os dois países em áreas críticas como tecnologia de chips e iniciativas verdes. A administração Biden já implementou controles de investimento para restringir a tecnologia americana na China, e a situação pode se intensificar rapidamente.

Por fim, o aumento das tensões militares é um grande risco, com conflitos em lugares como Ucrânia, Coreia do Norte e Oriente Médio, além da rivalidade China-EUA que pode se transformar em conflito direto, especialmente sobre Taiwan.

Diante destas incertezas, as empresas devem avaliar suas vulnerabilidades em cadeias de suprimentos, economias digitais fragmentadas e potenciais conflitos militares, adotando uma abordagem reativa em vez de se guiarem apenas pela retórica de Trump. A era de ouro da globalização parece ter chegado ao fim.

## 5 O BRASIL FRENTE AS PRIMEIRAS INICIATIVAS DO GOVERNO TRUMP





## 5.1 Ameaças comerciais

A tarifa de 25% sobre toda importação de aço e alumínio pelos EUA, independentemente do país, anunciada no dia 10 de fevereiro, já era esperada uma vez que no primeiro governo Trump (2019) essa prática já havia sido adotada. A reação internacional a ela está sendo de aguardar possíveis desdobramentos, uma vez que durante o mandato anterior do presidente ela foi rapidamente flexibilizada e por fim abandonada<sup>82,83</sup>. Como para muitas das medidas anunciadas, a reação internacional é de considerá-las como instrumento para negociação posterior por parte do presidente Trump com seus parceiros internacionais<sup>84</sup>. No Brasil, o anúncio foi assimilado com a aparente tranquilidade, de quem já esperava tal medida, especialmente por não ter caráter discricionário em relação a países específicos, mas sim se aplicar de forma geral a todos. As ponderações oficiais são de que ainda não exista razões para uma reação imediata por parte do governo brasileiro, o qual buscará negociação futuramente, até mesmo porque ainda não foi aberto nenhum canal para negociação por parte dos EUA<sup>85</sup>.

Por outro lado, a adoção de tarifas comerciais amplas para proteção da indústria norte-americana tem grande potencial para acirrar as pressões inflacionárias no país, restringindo a capacidade de o Federal Reserve – FED – reduzir as taxas de juros, hoje historicamente bastante elevadas – 4,5%aa, o que

<sup>82</sup> Trump confirma tarifas de 25% para importações de aço e alumínio pelos EUA. [https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-confirma-tarifas-de-25-para-importacoes-de-aco-e-aluminio-pelos-eua/#:~:text=CNN%20Brasil-,Trump%20confirma%20tarifas%20de%2025%25%20para%20importa%C3%A7%C3%B5es,a%C3%A7o%20e%20alum%C3%ADnio%20pelos%20EUA&text=O%20presidente%20dos%20Estados%20Unidos,n%C3%A3o%20far%C3%A1%20isen%C3%A7%C3%B5es%20ou%20exce%C3%A7%C3%B5es](https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-confirma-tarifas-de-25-para-importacoes-de-aco-e-aluminio-pelos-eua/#:~:text=CNN%20Brasil-,Trump%20confirma%20tarifas%20de%2025%25%20para%20importa%C3%A7%C3%B5es,a%C3%A7o%20e%20alum%C3%ADnio%20pelos%20EUA&text=O%20presidente%20dos%20Estados%20Unidos,n%C3%A3o%20far%C3%A1%20isen%C3%A7%C3%B5es%20ou%20exce%C3%A7%C3%B5es.). Acesso em 25/02/2025.

<sup>83</sup> Líderes mundiais reagem à tarifa de importação de aço e alumínio de Trump. [https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lideres-mundiais-reagem-a-tarifa-de-importacao-de-aco-e-aluminio-de-trump/#:~:text=L%C3%ADderes%20mundiais%20reagem%20%C3%A0%20tarifa%20de%20importa%C3%A7%C3%A3o%20de%20a%C3%A7o%20e%20alum%C3%ADnio%20de%20Trump,-Presidente%20dos%20EUA&text=L%C3%ADderes%20mundiais%20reagiram%20ao%20%C3%BAltimo,Unidos%20o%20mais%20r%C3%A1pido%20poss%C3%ADvel](https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lideres-mundiais-reagem-a-tarifa-de-importacao-de-aco-e-aluminio-de-trump/#:~:text=L%C3%ADderes%20mundiais%20reagem%20%C3%A0%20tarifa%20de%20importa%C3%A7%C3%A3o%20de%20a%C3%A7o%20e%20alum%C3%ADnio%20de%20Trump,-Presidente%20dos%20EUA&text=L%C3%ADderes%20mundiais%20reagiram%20ao%20%C3%BAltimo,Unidos%20o%20mais%20r%C3%A1pido%20poss%C3%ADvel.). Acesso em 25/02/2025.

<sup>84</sup> Os resultados do 'método Trump' de negociar: 'sem cenouras, apenas porrete'. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/06/os-resultados-do-metodo-trump-de-negociar-sem-cenouras-apenas-porrete.ghtml> Acesso em 25/02/2025.

<sup>85</sup> Brasil reagirá com cautela e sem alarde às tarifas de Trump. <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-reagira-com-cautela-e-sem-alarde-as-tarifas-de-trump/> Acesso em 25/02/2025.





vem dificultando a possibilidade de recuperação das atividades produtivas e do emprego no país. Com pressões inflacionárias a taxa básica de juros dos EUA deverão continuar elevadas, exigindo a manutenção deste comportamento em todos os países, sob risco de observarem fuga de capital para os EUA caso reduzam unilateralmente suas taxas de juros.

Os EUA são os principais fornecedores de capital financeiro para o Brasil, sendo responsáveis por mais que 25% do ingresso de investimento estrangeiro direto no país. Para não correr o risco de ver essa entrada de capitais minguar rapidamente, o Brasil terá que continuar praticando elevadas taxas básicas de juros, dificultando a retomada do processo de crescimento de sua economia.

A percepção geral internacional é de que as medidas comerciais adotadas por Trump tendem a gerar imprevisibilidades e incertezas no comércio mundial, devendo conduzir a um recuo do nível de comércio mundial com os EUA. Por outro lado, essa redução da participação dos EUA no comércio mundial poderá exercer um efeito recessivo muito intenso sobre a economia global, podendo, assim, afetar negativamente todos os países.

Em seus primeiros pronunciamentos, Trump reafirmou suas convicções sobre as relações dos EUA com os países latino-americanos, declarando que “Eles precisam de nós muito mais do que nós precisamos deles. Todos precisam de nós”. No entanto, o aparente desdém para com a economia da região foi interpretada pelos analistas da geopolítica internacional como “o jeito Trump de negociar”, presente em seu livro “A Arte de Negociar” – “faz ameaças, deprecia e depois tenta negociar em condições mais vantajosas”. O aparente descaso com a economia e países da região configuraria assim, um blefe, uma vez que, ao afastar seus parceiros tradicionais, o país corre o risco de ver ampliar a presença chinesa na região, indo contra o objetivo de um EUA “grande” no cenário mundial, tal qual foi no passado não muito distante<sup>86</sup>.

Particularmente para o Brasil, as consequências dos desdobramentos dessas medidas, para a sua economia, podem ser muito danosas, caso elas conduzam a uma forte retração não apenas na economia dos EUA, mas também na economia mundial. O país ainda é muito dependente da economia dos EUA. Segundo dados do Banco Central brasileiro<sup>87</sup>, atualmente eles são nosso terceiro maior parceiro comercial, atrás apenas da China e da União Europeia e caso a

<sup>86</sup> EUA não precisa do Brasil? Trump blefa para tentar reaproximação. <https://www.intercept.com.br/2025/01/31/trump-eua-brasil-blefe/> Acesso em 26/02/2025.

<sup>87</sup> BCB. [https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes\\_dados\\_consolidados/pg.html](https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html) Blocos e Países. Acessado em 25/02/2025.

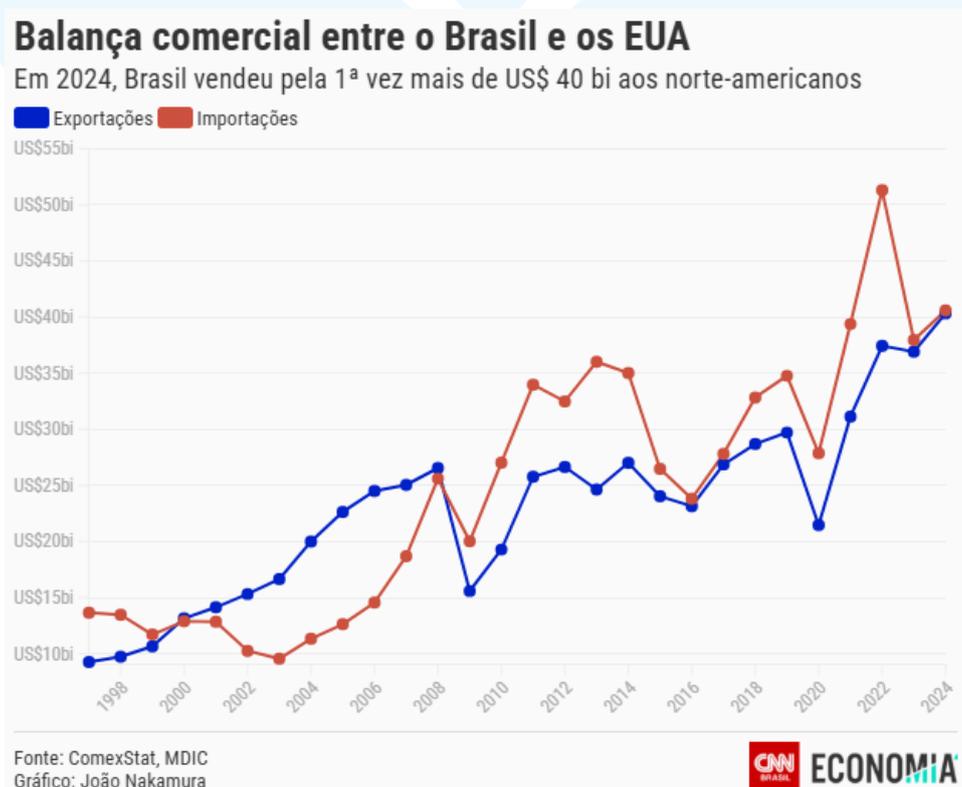




adoção das tarifas comerciais se aprofunde, isso poderá dar início a uma “guerra tarifária” com consequências negativas para o desempenho da economia mundial e, portanto, para a brasileira, especialmente para o setor exportador.

Tomando o discurso de Trump como referência, o grande objetivo é proteger a produção norte-americana da concorrência internacional. Assim, os principais países alvos das medidas adotadas são aqueles com os quais o EUA mantém considerável déficit comercial consolidado há muito tempo.

Neste sentido, o Brasil tenderia a receber pouca atenção em relação às medidas protecionistas dos EUA, face a ser um dos raros países a apresentar déficit na balança comercial entre eles há muitos anos, apesar de ele ter se reduzido significativamente nos dois últimos anos. Trata-se de uma situação oposta à da China, México e Canadá que há anos mantêm imensos superávits comerciais com os EUA. Em 2024, as exportações brasileiras para os EUA atingiram US\$ 40,3 bilhões, enquanto as importações de lá procedentes somaram US\$ 40,6 bilhões.



Em relação à tarifa de 25% imposta sobre importações de produtos de aço e alumínio, o impacto negativo para o setor no Brasil pode ser bastante grave, uma vez que esses produtos constituem o segundo item, em valor, na pauta de





exportações brasileiras para os EUA, sendo responsáveis por 7% do total exportado pelo país. No entanto, a dependência dos produtores brasileiros destes itens no comércio destes produtos é muito maior que a dos EUA em relação ao Brasil. Em 2024, o Brasil foi o segundo maior exportador de aço para os EUA (14,9% de todo aço importado pelo país). No entanto, essa exportação representou 47,9% de todo o aço vendido pelo Brasil ao mundo<sup>88</sup>.

Um aspecto importante, porém, deve ser salientado em relação a essa nova tarifa a começar a ser cobrada a partir de 12 de março de 2025. A integração do setor entre as economias brasileira e norte-americana é muito intensa, uma vez que as empresas brasileiras produtoras de aço, importam dos EUA valor significativo de carvão siderúrgico para a produção do aço, assim como o país importa grandes volumes de bens produzidos com aço dos EUA. Uma redução na exportação de aço brasileiro para lá certamente trará retração muito forte da corrente de comércio dos insumos e bens produzidos neste setor, com custos substanciais para a economia norte-americana<sup>89</sup>.

Ainda em relação ao comércio internacional, o Brasil foi usado como exemplo para justificar a adoção de uma política de tarifas recíprocas (Plano justo e recíproco). No caso, o produto em pauta é o etanol, no Brasil derivado da cana-de-açúcar, e derivado do milho no produto norte-americano. Trump avalia como inaceitável o fato de os EUA cobrarem uma tarifa de 2,5%, enquanto o Brasil cobra uma tarifa de 18% para esse produto. Este quadro reflete muito mais a postura de Trump frente às relações comerciais internacionais do que se constituir em um problema para esse comércio em particular, que é muito pequeno entre os dois países. Envolvendo uma corrente de comércio de apenas US\$ 240 milhões em 2024, a tarifa cobrada pelo Brasil é uma decisão do Mercosul, que passou a ser adotada novamente a partir de 2023, uma vez que havia sido zerada anteriormente pelo país. Dentro do mesmo setor, o açúcar brasileiro é tarifado em 100% para ingressar nos EUA. Percebe-se que há amplos espaços para negociações futuras visando à flexibilização das medidas comerciais adotadas recentemente por Trump.

De forma geral, a maior preocupação é que as medidas comerciais protecionistas adotadas pelo atual governo dos EUA (que vai na contramão do constantemente negociado nas rodadas da OMC de reduzir tarifas) possam

<sup>88</sup> Brasil é 2º fornecedor de aço e ferro aos EUA; fatia nunca foi tão grande. Link em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/fernando-nakagawa/economia/macroeconomia/brasil-e-2o-fornecedor-de-aco-e-ferro-aos-eua-fatia-nunca-foi-tao-grande/> Acesso em 25/02/2025.

<sup>89</sup> As empresas no Brasil que podem ser prejudicadas — ou beneficiadas — pelas tarifas de Trump. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy5kzn195aqq> Acesso em 26/02/25.





retomar um mundo com mais tarifas, fruto de retaliações dos demais países aos EUA, o que poderá levar a que o comércio internacional a tenda a se retrair e, em decorrência, o próprio nível de atividade da economia mundial a se desacelerar, o que restringirá a demanda global e, em decorrência, as exportações brasileiras.

## 6 AÇÕES E PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO SOBRE A REALIDADE DO PLANETA

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, tem sido uma figura que desafia o *status quo* tanto no campo político quanto no religioso. Sua defesa incisiva de uma nova ordem mundial baseada na **solidariedade, justiça, paz, amor aos pobres e cuidado com a natureza** colocou-o em rota de colisão com diversos grupos extremistas e fundamentalistas. Esses ataques vêm de setores que se sentem ameaçados por sua mensagem transformadora e por sua crítica contundente a sistemas de poder opressivos.

### 6.1 Um mundo em guerras

Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco fez várias referências à possibilidade de uma "terceira guerra mundial". Ele frequentemente usa essa expressão não no sentido de um conflito global formalmente declarado, mas para alertar a humanidade sobre os perigos de um mundo cada vez mais fragmentado, marcado por violência, tensões geopolíticas e injustiças sociais.

O Papa Francisco cunhou a expressão "terceira guerra mundial em pedaços"<sup>90</sup> para descrever a situação do mundo atual, onde conflitos localizados, terrorismo, migrações forçadas e violência generalizada criam um cenário semelhante ao de uma guerra mundial, mas de forma fragmentada. Ele argumenta que, embora não haja um conflito global único, a soma dessas crises pode ser comparada a uma guerra mundial. Conflitos específicos, como os na Síria, Ucrânia, Palestina (Gaza), Iêmen e outras regiões, são apontados por Francisco que destaca como a violência e a falta de diálogo contribuem para um clima de instabilidade global. Suas palavras são um chamado à paz e à resolução pacífica de disputas.

<sup>90</sup> Papa: não se acostumem com as guerras, são gravíssimos horrores contra Deus e o homem. Leia aqui:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-nao-se-acostumem-com-as-guerras-sao-gravissimos-horrores.html> Acesso em 09/03/2025.





O Papa tem sido um crítico veemente do **comércio de armas**, argumentando que a proliferação de armamentos alimenta conflitos e impede a paz. Ele vê isso como um sinal de que a humanidade está mais interessada em lucrar com a guerra do que em promover a justiça e a reconciliação.<sup>91</sup>

## 6.2 Autocracias, autoritarismos e outros extremismos

Outro ponto que tem sido motivo de constantes alertas do Papa Francisco é sobre questões como o autoritarismo, o nacionalismo, o populismo e a erosão das democracias em diversos contextos<sup>92</sup>. Em suas homilias e discursos, o Papa Francisco frequentemente fala sobre a importância da solidariedade, da inclusão e do respeito pelos direitos humanos. Ele critica governos e líderes que priorizam o poder sobre o serviço ao povo.

Francisco critica as democracias que se tornaram distantes das pessoas e dominadas por elites políticas e econômicas. Ele propõe uma democracia mais participativa<sup>93</sup>, onde os cidadãos, especialmente os mais pobres, possam influenciar diretamente as decisões que afetam suas vidas. Isso inclui fortalecer organizações comunitárias e movimentos sociais como agentes de transformação.

Em documentos como a encíclica **Fratelli Tutti, de 2020**, o Papa Francisco reflete sobre a fraternidade e a amizade social, alertando para os perigos do populismo, do nacionalismo exacerbado e do autoritarismo<sup>94</sup>. Ele enfatiza a necessidade de uma política que sirva ao bem comum e promova o diálogo entre as nações. Para Francisco, os perigos do nacionalismo extremo e do isolacionismo podem levar ao fechamento de fronteiras, à xenofobia e ao enfraquecimento das instituições democráticas<sup>95</sup>.

<sup>91</sup> 'Loucos investem para matar', diz Papa Francisco. Veja aqui: [https://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/ultimo\\_momento/2025/01/18/loucos-investem-para-matar-diz-papa-francisco\\_70ddfe6e-302b-4588-896d-71ecf8ba809a.html](https://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/ultimo_momento/2025/01/18/loucos-investem-para-matar-diz-papa-francisco_70ddfe6e-302b-4588-896d-71ecf8ba809a.html) Acesso em 09/03/2025.

<sup>92</sup> Papa Francisco critica o ressurgimento do nacionalismo e do populismo. Leia aqui: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/01/07/papa-francisco-critica-ressurgimento-do-nacionalismo-e-do-populismo.ghtml> Acesso em 09/03/2025.

<sup>93</sup> Francisco: "a participação é o bálsamo para as feridas da democracia". Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/francisco-participacao-balsamo-feridas-democracia.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>94</sup> Em Fratelli Tutti, o Papa Francisco identifica o paradoxo do populismo. Leia em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603666-em-fratelli-tutti-o-papa-francisco-identifica-o-paradoxo-do-populismo> Acesso em 09/03/2025.

<sup>95</sup> Alguns grupos extremistas, especialmente aqueles que promovem teorias da conspiração, acusam o Papa Francisco de ser "comunista" ou de estar envolvido em supostas agendas globais





Durante suas viagens internacionais, o Papa muitas vezes aborda questões relacionadas à justiça social e à democracia. Em reuniões com políticos, diplomatas e líderes religiosos, o Papa Francisco frequentemente defende a importância da democracia, da liberdade religiosa e dos direitos humanos<sup>96</sup>. Ele usa essas plataformas para alertar sobre os riscos do autoritarismo e da exclusão social. Em discursos e documentos, como a encíclica ***Fratelli Tutti***, o Papa Francisco insiste que os **direitos humanos** devem ser respeitados independentemente da origem, religião ou *status* migratório de uma pessoa. Ele condena políticas que violam esses direitos, como a detenção indefinida de migrantes ou a separação de famílias<sup>97</sup>.

Em ocasiões como o Dia Mundial da Paz (1º de janeiro)<sup>98</sup> ou discursos para organizações internacionais (como a ONU)<sup>99</sup>, o Papa fala sobre a necessidade de cooperação global, justiça e respeito pelas instituições democráticas. Ele critica a erosão desses valores e a ascensão de regimes que ignoram o bem comum<sup>100</sup>.

Atento ao nacionalismo que ressurge forte na Europa e nos Estados Unidos da América, com partidos ancorados em discursos discriminatórios e numa plataforma de criminalização dos migrantes, o Papa Francisco frequentemente trata da questão das migrações forçadas à falta de democracia e ao autoritarismo<sup>101</sup>. Ele argumenta que regimes opressivos e conflitos locais muitas

---

para controlar a população. Essas acusações são infundadas, mas ganham força em círculos herméticos das redes digitais.

<sup>96</sup> Papa Francisco no Bahrein, apelo pelos direitos e contra a pena de morte. Leia em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/623611-papa-francisco-no-bahrein-apelo-pelos-direitos-e-contra-a-pena-de-morte> Acesso em 09/03/2025.

<sup>97</sup> "Fratelli Tutti" é encíclica dos Direitos Humanos. Leia em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603674-fratelli-tutti-e-enciclica-dos-direitos-humanos> Acesso em 09/03/2025.

<sup>98</sup> Dia Mundial da Paz: a súplica do Papa por um mundo mais solidário, justo e pacífico. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-01/dia-mundial-da-paz-mensagem-papa-francisco-por-um-mundo-pacifico.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>99</sup> 'O futuro nos exige decisões críticas e globais', destaca Papa Francisco na Assembleia Geral da ONU. Leia em: <https://brasil.un.org/pt-br/70884-o-futuro-nos-exige-decis%C3%B5es-cr%C3%ADticas-e-globais-destaca-papa-francisco-na-assembleia-geral-da> Acesso em 09/03/2025.

<sup>100</sup> O Papa Francisco tem criticado as instituições internacionais, como a ONU, por serem muitas vezes ineficazes ou dominadas por interesses de poucos países poderosos. Ele propõe uma reforma dessas instituições para que sejam mais democráticas, transparentes e capazes de responder às necessidades dos mais vulneráveis. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-04/papa-francisco-onu-osservatore-romano-guerra-ucrania.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>101</sup> Como a imigração e a ditadura marcaram a visão do Papa. Leia em: <https://www.ihu.unisinos.br/647918-como-a-imigracao-e-a-ditadura-marcaram-a-visao-do-papa> Acesso em 09/03/2025.





vezes são a causa do deslocamento de pessoas, e pede uma resposta global baseada na solidariedade e no respeito pelos direitos humanos<sup>102</sup>.

O Papa Francisco tem lembrado aos líderes mundiais que acolher os migrantes é um imperativo moral e cristão. Ele realizou gestos concretos<sup>103</sup> como a visita a campos de refugiados, como Lesbos (Grécia) e Lampedusa (Itália). Essas visitas simbolizam seu compromisso pessoal com a causa dos migrantes e servem para chamar a atenção do mundo para suas condições. Francisco também gosta de citar passagens bíblicas, como a fuga da Sagrada Família para o Egito, para enfatizar que Jesus, Maria e José foram refugiados e pede que as pessoas vejam os migrantes não como uma ameaça, mas como irmãos e irmãs em necessidade<sup>104</sup>.

### 6.3 Cultura do descartável

O Papa critica veementemente a "cultura do descartável", que trata seres humanos como se fossem descartáveis ou indesejáveis. Ele argumenta que essa mentalidade leva à exclusão e ao desprezo pelos migrantes, e pede uma mudança de atitude que valorize a dignidade de cada pessoa<sup>105</sup>. Ele reconhece que a migração é um desafio complexo, mas argumenta que as nações desenvolvidas têm a responsabilidade de partilhar o fardo de acolher refugiados. Ele pede uma resposta global coordenada, em vez de deixar os países mais pobres lidarem sozinhos com a crise<sup>106</sup>.

<sup>102</sup> Papa Francisco critica "os nacionalismos fechados e agressivos" contra os migrantes. Veja em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/609059-papa-francisco-critica-os-nacionalismos-fechados-e-agressivos-contra-os-migrantes>. Acesso em 09/03/2025.

<sup>103</sup> O Vaticano, sob a liderança do Papa Francisco, tem promovido iniciativas práticas para ajudar migrantes e refugiados. Por exemplo, o Papa Francisco apoiou programas de reassentamento e integração, e pediu que paróquias e comunidades religiosas acolham famílias de refugiados.

<sup>104</sup> Para o papa, 'a migração não é uma ameaça para o cristianismo'. Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/11/23/para-o-papa-a-migracao-nao-e-uma-ameaca-para-o-cristianismo.htm>. Acesso em 09/03/2025.

<sup>105</sup> O Papa: combater a cultura do descarte significa promover a cultura da inclusão. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-04/papa-plenaria-academia-ciencias-sociais-descarte-inclusao-social.html>. Acesso em 09/03/2025.

<sup>106</sup> O Papa Francisco tem sido alvo de críticas de líderes e grupos populistas de direita, especialmente na Europa e nas Américas, por sua defesa dos migrantes, refugiados e pobres. Suas críticas ao nacionalismo exacerbado, ao fechamento de fronteiras e ao desprezo pelos mais vulneráveis são vistas como uma ameaça a agendas políticas que priorizam o isolacionismo e a exclusão.





**Na defesa de um mundo marcado pela solidariedade entre os povos e as Nações**, o Papa Francisco conecta o autoritarismo ao racismo, ao antissemitismo<sup>107</sup> à exclusão social e econômica<sup>108</sup>. Ele argumenta que, quando os governos falham em cuidar dos mais vulneráveis<sup>109</sup>, abrem espaço para líderes autoritários que exploram o descontentamento popular. Neste sentido, Francisco afirmou que o modelo econômico<sup>110</sup> que exclui produz uma “economia que mata”<sup>111</sup>.

#### 6.4 Nova governança global

É importante destacar que o Papa Francisco, em seus encontros com os **Movimentos Populares**, propôs uma nova governança global que coloca os pobres, os excluídos e os movimentos sociais no centro das decisões políticas e econômicas. Essa visão está profundamente enraizada na Doutrina Social da Igreja e em sua encíclica **Fratelli Tutti**, que defende uma fraternidade universal e uma política mais inclusiva e participativa.

Francisco acredita que os movimentos populares, que representam trabalhadores informais, camponeses, migrantes, indígenas e outras comunidades marginalizadas, devem ter voz ativa na construção de políticas globais<sup>112</sup>. Ele defende que essas pessoas, muitas vezes invisíveis para os sistemas de poder, sejam ouvidas e incluídas nos processos de decisão:

<sup>107</sup> O papa: o nacionalismo exasperado produz racismo e antissemitismo. Leia em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588819-o-papa-o-nacionalismo-exasperado-produz-racismo-e-antissemitismo> Acesso em 09/03/2025.

<sup>108</sup> Em vez de uma globalização que exclui e marginaliza, o Papa defende uma "globalização da solidariedade". Isso significa que as nações e instituições globais devem trabalhar juntas para garantir direitos básicos, como alimentação, saúde, educação e moradia, para todos.

<sup>109</sup> O Papa Francisco é um crítico do capitalismo desregulamentado e de um modelo de globalização que exclui os pobres. Suas encíclicas, como **Laudato Si'** e **Fratelli Tutti**, questionam a cultura do descartê e a desigualdade social, o que desagradou setores conservadores que defendem o livre mercado sem restrições éticas.

<sup>110</sup> Francisco critica o atual sistema econômico global, que ele chama de "economia que mata", por priorizar o lucro sobre a dignidade humana. Em sua visão, uma nova governança global deve promover uma economia solidária, que garanta trabalho digno, acesso à terra, teto e trabalho (as "três T's": Terra, Teto e Trabalho). Ele propõe um modelo econômico que combata a desigualdade e priorize o bem comum.

<sup>111</sup> O Papa Francisco: “A economia da exclusão mata”. Leia em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/26/sociedad/1385464009\\_115602.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/26/sociedad/1385464009_115602.html) Acesso em 09/03/2025.

<sup>112</sup> Uma nova governança global, na visão do Papa, deve ser baseada na "cultura do encontro", onde as diferenças são respeitadas e o diálogo é valorizado. Ele defende que os líderes mundiais e as instituições internacionais devem escutar as vozes das periferias e construir pontes entre culturas, religiões e nações.





*Vós, organizações dos excluídos e tantas organizações de outros setores da sociedade, estais chamados a revitalizar, a refundar as democracias que estão a atravessar uma verdadeira crise. Não caiais na tentação da divisória que vos reduz a agentes secundários ou, pior, a meros administradores da miséria existente. Nestes tempos de paralisia, desorientação e propostas destruidoras, a participação como protagonistas dos povos que procuram o bem comum pode vencer, com a ajuda de Deus, os falsos profetas que exploram o medo e o desespero, que vendem fórmulas mágicas de ódio e crueldade, ou de um bem-estar egoísta e uma segurança ilusória.<sup>113</sup>*

Para uma nova governança global, a proposta do Papa Francisco inclui a **ecologia integral**, conceito central em sua encíclica **Laudato Si'**. Ele defende que a proteção do meio ambiente e a justiça social estão interligadas. Uma nova governança global<sup>114</sup> deve combater as mudanças climáticas, garantir o uso sustentável dos recursos naturais e proteger os territórios dos povos indígenas e comunidades tradicionais<sup>115</sup>.

## 6.5 Guerras híbridas

O Papa Francisco tem abordado o tema das **guerras híbridas** e o uso das redes sociais para disseminar discursos de ódio, teorias da conspiração e extremismo em várias ocasiões. Ele alerta sobre os perigos desses fenômenos, que podem desestabilizar sociedades, alimentar conflitos e minar a paz. Em sua mensagem para o **Dia Mundial das Comunicações Sociais**, em 2020, o Papa Francisco abordou diretamente o uso das redes sociais para espalhar desinformação e discursos de ódio<sup>116</sup>. Ele destacou como as plataformas digitais

<sup>113</sup> Os movimentos populares: dez anos de história e "poesia social". Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/papa-francisco-movimentos-populares-dez-anos-incontros.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>114</sup> Ecologia integral: um caminho de vida e de cura para um planeta doente. Leia em: <https://www.cnbb.org.br/ecologia-integral-um-caminho-de-vida-e-de-cura-para-um-planeta-doente/> Acesso em 09/03/2025.

<sup>115</sup> "Precisamos reconhecer que a crise ambiental e a crise social de nosso tempo não são duas crises separadas, mas uma única crise", disse o Papa Francisco ao receber em audiência uma delegação de líderes inter-religiosos e políticos da Grande Manchester, Inglaterra. Veja em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-04/papa-lideres-inter-religiosos-manchester-ecologia-ambiente.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>116</sup> O Papa: não a histórias falsas e destrutivas, contar o bem que une. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/papa-francisco-historias-falsas-destrutivas-contar-bem-une.html> Acesso em 09/03/2025.





podem ser usadas para manipular a opinião pública, criar polarização e promover narrativas falsas.

Francisco tem abordado indiretamente as guerras híbridas ao criticar a **polarização** e a **manipulação da informação**. Ele destaca como a **desinformação** e as **narrativas falsas** podem ser usadas para dividir sociedades e justificar violência. O Papa defende a necessidade de uma comunicação ética e responsável, que promova o diálogo e a fraternidade<sup>117</sup>.

Em sua mensagem ao **Fórum Econômico Mundial** em Davos, o Papa Francisco alertou sobre os riscos da tecnologia quando usada para manipular e controlar as pessoas. Ele destacou que a desinformação e as guerras híbridas são ameaças à democracia e à paz global, e pediu que líderes políticos e empresariais assumam a responsabilidade de combater esses problemas<sup>118</sup>.

## 6.6 Os perigos do uso da Inteligência Artificial

Sobre o uso da **inteligência artificial (IA)** sem critérios éticos, o Papa Francisco tem destacado os riscos que essa tecnologia pode representar para a dignidade humana, a justiça social e o bem comum. Ele falou sobre esse tema em várias ocasiões, sempre enfatizando a necessidade de um desenvolvimento tecnológico que respeite os valores humanos e promova o progresso ético.

Em sua mensagem para o **Dia Mundial das Comunicações Sociais**, em 2024, por exemplo, o Papa Francisco tratou diretamente do tema da inteligência artificial. Ele alertou sobre os riscos de usar a IA de forma irresponsável, como a disseminação de desinformação, a manipulação de opiniões e a violação da privacidade. O Papa pediu que a tecnologia seja guiada por princípios éticos, como o respeito pela dignidade humana e a promoção do bem comum<sup>119</sup>.

Num encontro com representantes das três religiões abraâmicas, o Papa Francisco afirmou que conta com o envolvimento de delegações judaicas e

<sup>117</sup> Numa sociedade polarizada promover a Cultura da Amizade Social. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-02/numa-sociedade-polarizada-promover-cultura-amizade-social.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>118</sup> Papa ao Fórum de Davos: governos e empresas vigiem a IA pela dignidade humana. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-01/papa-francisco-mensagem-forum-economico-mundial-davos-2025-ia.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>119</sup> MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O LVIII DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS (12 de maio de 2024) - Inteligência artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso em 09/03/2025.





islâmicas, que olham para a inteligência artificial com um olhar inspirado nas palavras da Encíclica Fratelli Tutti. Segundo o Papa, a adesão dessas delegações “na promoção de uma cultura que coloque esta tecnologia a serviço do bem comum de todos e da salvaguarda da Casa comum é exemplar para muitos outros. A fraternidade entre todos é a condição para que o desenvolvimento tecnológico esteja a serviço da justiça e da paz em todo o mundo”<sup>120</sup>.

## 6.7 A carta de Francisco aos Bispos dos Estados Unidos da América

Um documento bem atual de Francisco que merece atenção especial é sua carta aos bispos estadunidenses, depois de uma série de anúncios do presidente Donald Trump, principalmente sobre a questão da imigração.

Os EUA estão enfrentando uma “crise” com o programa de deportação em massa de imigrantes e refugiados depois da posse de Donald Trump.

Setores da Igreja Católica estadunidense protestaram sobre as políticas migratórias anunciadas pelo chefe da Casa Branca. Primeiramente, o cardeal Blaise Cupich, de Chicago, declarou mesmo antes da posse de Trump, a oposição a qualquer programa de deportação em massa de imigrantes. Em seguida, o bispo de El Paso, Mark Joseph Seitz, reiterou a não tolerância com qualquer forma de injustiça. Finalmente, toda a Conferência Episcopal dos Estados Unidos expressou consternação com as medidas anunciadas pelo líder republicano sobre a repatriação de milhões de imigrantes e a militarização da fronteira entre os Estados Unidos e o México<sup>121</sup>.

Na sequência, o Papa Francisco interveio. Enviou carta ao episcopado estadunidense assegurando estar acompanhando a situação “de perto”, expressando proximidade e apoio nestes “momentos delicados” e, ao mesmo tempo, denunciando certas disposições que vão contra a própria dignidade humana. “O que se constrói sobre a força, e não sobre a verdade da igual dignidade de todo ser humano, começa mal e terminará mal”, advertiu o Papa.

Para Francisco, “um autêntico Estado de direito ocorre no tratamento digno que todas as pessoas merecem, sobretudo as mais pobres e marginalizadas”. O

<sup>120</sup> O Papa: cada pessoa deve desfrutar de um desenvolvimento humano e solidário. Leia em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-01/papa-francisco-inteligencia-artificial-desenvolvimento-humano.html> Acesso em 09/03/2025.

<sup>121</sup> Papa envia carta a bispos dos EUA: deportar migrantes fere a dignidade humana. Leia mais em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-02/papa-francisco-mensagem-bispos-eua-deportacao-migrantes-25.html> Acesso em 09/03/2025.





Papa pede “uma política que regule a migração ordenada e legal” e exorta os católicos a não ceder às “narrativas” que discriminam e causam sofrimento.

Na carta, contestada imediatamente por um alto funcionário do governo trompista, o Papa deixa clara sua posição sobre as formas opressivas presentes em vários estados nacionais na contemporaneidade, com a assunção de governos da extrema-direita que, entre suas ações violentas, elegem os migrante como bodes expiatórios: “O verdadeiro bem comum se promove quando a sociedade e o governo, com criatividade e rigoroso respeito aos direitos de todos - como já afirmei em inúmeras ocasiões - acolhem, protegem, promovem e integram os mais frágeis, indefesos e vulneráveis”. Isso não impede de favorecer o amadurecimento de “uma política que regule a migração ordenada e legal”, desde que ela não seja constituída “por meio do privilégio de alguns e do sacrifício de outros”.

## 6.8 Francisco: voz profética que incomoda

Por fim, há que se destacar que o Papa Francisco, por defender um mundo mais justo, fraterno e solidário; uma ordem social com uma governança global mais democrática e inclusiva e uma relação harmônica entre a vida humana e a Casa Comum, tem sido atacado, inclusive, por grupos religiosos<sup>122</sup>.

Dentro da própria Igreja Católica<sup>123</sup>, o Papa Francisco enfrenta resistência de grupos que se opõem às suas reformas e ao seu estilo pastoral mais inclusivo, acolhedor e aberto aos dilemas contemporâneos. Tais grupos criticam, por exemplo, sua abertura ao diálogo com outras religiões, sua abordagem mais misericordiosa em questões morais e sua ênfase na justiça social em detrimento de uma visão mais dogmática da fé. Em alguns países, especialmente nos Estados Unidos e no Brasil, grupos evangélicos fundamentalistas veem o Papa Francisco como uma ameaça por sua defesa da ecologia integral (*Laudato Si'*) e sua crítica ao consumismo e ao individualismo. Esses grupos discordam da mensagem de Francisco numa perspectiva ecumênica e de sua defesa dos pobres, que muitas vezes é interpretada como “esquerdismo”. Grupos integristas, que defendem uma visão ultraconservadora da fé católica, acusam o Papa Francisco de “modernista”

<sup>122</sup> Os opositores à Igreja de Francisco. Artigo de Victor Codina. Veja em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591343-os-opositores-a-igreja-de-francisco-artigo-de-victor-codina> Acesso em 09/03/2025.

<sup>123</sup> Papa Francisco diz que críticos conservadores na Igreja têm “atitude suicida”. Leia em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/papa-francisco-diz-que-criticos-conservadores-na-igreja-tem-atitude-suicida/> Acesso em 09/03/2025.





e de diluir a doutrina da Igreja. Eles se opõem, por exemplo, às suas iniciativas de reforma na Cúria Romana e ao seu enfoque na misericórdia e no acolhimento.

O Papa Francisco tem respondido a essas situações com serenidade e firmeza. Ele insiste que sua missão é seguir o Evangelho, mesmo que isso signifique enfrentar oposição. Ele frequentemente cita o exemplo de Jesus, que também foi criticado e rejeitado por desafiar as estruturas de poder de seu tempo.

No entanto, Francisco continua a ser uma voz potente para milhões de pessoas que buscam justiça, paz e solidariedade em um mundo marcado por conflitos e exclusão. O Santo Padre tem reforçado a necessidade de cultivar a esperança como atitude essencial diante das crises globais. “A esperança não consiste em esperar resignadamente, mas em lançar-se com vigor em direção à verdadeira vida, que vai muito além do estreito perímetro individual”, recordando em seguida as palavras do Papa Bento XVI: “A esperança está ligada ao fato de estar em união existencial com um ‘povo’ e só pode se realizar plenamente dentro desse ‘nós’”<sup>124</sup>.

Nesse contexto, o Pontífice destaca a urgência de fortalecer organizações internacionais que possam responder eficazmente às crises globais. “Infelizmente, constatamos uma crescente irrelevância dos organismos internacionais, minados por atitudes míopes que priorizam interesses particulares e nacionais. No entanto, devemos continuar a trabalhar com determinação para ‘organizações mundiais mais eficazes, dotadas de autoridade para assegurar o bem comum global, a erradicação da fome e da miséria e a defesa inegociável dos direitos humanos fundamentais’”, referindo-se à encíclica *Fratelli tutti*.

## 7 CONCLUSÕES E SINAIS DE ESPERANÇA

Há sinais. Povos, organismos e muitos países têm resistido, na medida de sua organização e organicidade, aos tempos sombrios e incertos com mais dedicação e ação em torno de soluções coletivas, políticas públicas e estratégias de redução das desigualdades.

Um sinal importante tem sido a luta pela democratização da democracia, em que pese a sua crise neste século XXI. O ano de 2024 teve mais da metade da população global, em cerca de 70 países, um recorde histórico, participando de eleições. Ao lado de processos livres e justos, houve fraudes e violência política. Mas,

<sup>124</sup> VATICAN NEWS. 3 Mar. 2025. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-03/papa-francisco-mensagem-pontificia-academia-para-a-vida-03-03-25.html> Acesso em 09/03/2025.





apesar deste conjunto de problemas, ainda resiste a ideia de que a saúde democrática depende de processos eleitorais, dentre tantos outros elementos decisivos que possam determiná-la, fruto da insistência de tantas pessoas dedicados ao seu fortalecimento.

Outro caminho é o combate eficaz à fome. Em 2024, a Organização das Nações Unidas estimou que 733 milhões de pessoas enfrentaram a fome no mundo e 2,8 bilhões de pessoas não conseguiam ter acesso a alimentação saudável. O WFP (Programa Mundial de Alimentos) estimava que cidadãos de 16 Estados, entre eles a República Democrática do Congo, o Haiti, o Myanmar, o Estado da Palestina e a Ucrânia, enfrentaram emergências humanitárias ocasionadas por conflitos que aprofundaram a escassez de alimentação adequada, além de diversas outras situações de vulnerabilidade. Da mesma forma, as emergências climáticas impuseram restrições severas à produção de alimentos<sup>125</sup>. Ao lado dos obstáculos que impedem o avanço de medidas globais contra a fome e a pobreza (pouca prioridade das ações de cooperação internacional; a falta de recursos disponíveis e os desafios para a implementação de políticas públicas internacionais), há experiências importantes, como a brasileira.

Em 2014, o Brasil saiu do mapa da fome após robustas políticas públicas, que reuniram a ampliação ao acesso à renda, agricultura familiar sustentável e a garantia do direito à alimentação. Em uma década, o país saiu de 32 milhões de pessoas convivendo com a fome e a insegurança alimentar para 3 milhões nesta situação. Todavia, a mudança de orientação das políticas nos anos recentes, com a extinção de mecanismos que foram fundamentais para a mudança de cenário no país; e os efeitos da pandemia da Covid-19 para a economia do país levaram o Brasil de volta aos elevados índices de pobreza. Somente em 2023 o país voltou a implementar medidas consistentes para reduzir a fome e a pobreza, mas mantém o *status* de líder em políticas públicas para esse fim e compartilhar experiências bem-sucedidas em fóruns globais. Em um ano, 14,7 milhões de brasileiros deixaram de passar fome. A abordagem multifacetada do Brasil é modelo de enfrentamento para vários países e agências multilaterais.

Entretanto, o maior sinal de esperança é a própria esperança. Em múltiplos cenários, as incertezas, as continuidades e as rupturas são parte de uma única exigência: mais esperança! É sobre isto o “Jubileu da Esperança”, também conhecido como Ano Santo de 2025, período de graça extraordinária promovido

<sup>125</sup> G20 BRASIL. Perspectivas Cidadãs: combate efetivo à fome passa por soluções da sociedade civil global. <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/perspectivas-cidadas-combate-efetivo-a-fome-passa-por-solucoes-da-sociedade-civil-global>. Acesso em 09/03/2025.





pela Igreja Católica, um tempo dedicado à renovação espiritual, à reconciliação e à vivência profunda da misericórdia divina. “A esperança é uma virtude teológica que nos conecta ao futuro, mas que também transforma o presente. Ela nos sustenta nas dificuldades, nos dá força para perseverar e nos mantém firmes na certeza de que Deus está conosco”<sup>126</sup>.

Assim, os primeiros sinais de esperança que podemos perceber são aqueles oferecidos pela própria Igreja peregrina<sup>127</sup>. Nesse sentido, o Papa Francisco nos dá um grande sinal de esperança em torno da paz: “juntos, continuamos a invocar o dom da paz, especialmente na martirizada Ucrânia, na Palestina, em Israel, no Líbano e em Myanmar, no Sudão e na República Democrática do Congo”<sup>128</sup>.

Há um esforço importante para os construtores da paz. Não somente na superação das guerras e dos conflitos. Mas também no fim das desigualdades, da fome e das injustiças. Muitos têm dificuldade com a esperança. Há uma razão. A esperança, diz Byung-Chul Han, tem muito a ver com transcendência, fé e amor<sup>129</sup>:

Ter esperança é estar alerta o tempo todo para o que ainda não nasceu. Os esperançosos estão prontos para ajudar no advento do que está pronto para nascer. A esperança é visionária e profética. Ela aguça nossa atenção para o que ainda não existe. É a parteira do novo. Sem esperança, não há revolução nem futuro. Há apenas um presente otimizado<sup>130</sup>.

É em torno desta “âncora e vela do barco no meio da tempestade”<sup>131</sup> que nos valemos. A esperança cristã “não decepciona” (Romanos 5,5)!

<sup>126</sup> TEMPESTA, Cardeal Orani João. O jubileu da esperança. <https://www.cnbb.org.br/o-jubileu-da-esperanca/>.

<sup>127</sup> Diz a constituição *Lumen Gentium*: “A Igreja ‘prosegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus’, anunciando a cruz e a morte do Senhor até que Ele venha (cfr. Cor. 11,26). Mas é robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada mais fielmente, o seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz” (LG, 8).

<sup>128</sup> VATICAN NEWS. Ángelus, domingo, 9 de março de 2025. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-03/papa-obrigado-todos-fundo-coracao-tambem-rezo-voces.html>.

<sup>129</sup> HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança: contra a sociedade do medo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024. O livro é o resultado de uma palestra na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, em abril de 2023.

<sup>130</sup> HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança: contra a sociedade do medo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024, p. 49.

<sup>131</sup> FRANCISCO, Papa; Alcaide, Hernan Reyes (org.). La Speranza Non Delude Mai. Roma: Mondadori Libri, 2024, p. 13.

